

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

MARCELO SANTOS OLIVEIRA

**ANALISE DA CADEIA PRODUTIVA DO VIME
EM BOM RETIRO - SC**

Florianópolis, 2003

MARCELO SANTOS OLIVEIRA

**ANALISE DA CADEIA PRODUTIVA DO VIME
EM BOM RETIRO - SC**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao
departamento de Economia
como requisito para a
conclusão do Curso em
Ciências Econômicas.

Orientador: Francisco Gelinsck Neto

Florianópolis, 2003

Marcelo Santos Oliveira

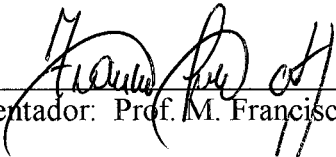
ANALISE DA CADEIA PRODUTIVA DO VIME EM BOM RETIRO - SC

A presente monografia foi aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Economia do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.


Aprovada em de julho de 2003

– Nota 9,00 (nove).

BANCA EXAMINADORA:


Orientador: Prof. M. Francisco Gelinsck Neto


Membro: Prof. Dr. Alberto Jones


Membro: Prof. Dr. João Serafim Tusi da Silveira

Oliveira, Marcelo Santos. ANALISE DA CADEIA PRODUTIVA DO VIME EM BOM RETIRO – SC, Florianópolis, SC, UFSC, 2002 70p.

1. Cadeia Produtiva Agrícola. 2 Empresa Familiar. 3 Agricultura Familiar 4. Desenvolvimento no Espaço Rural

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu orientador, professor Francisco Gelinsck Neto, que não mediu esforços no apoio quando mais necessitei de sua ajuda.

Ao amigo e Ricardo Callado e Família, pelas oportunidades, ensinamentos, paciência e ajuda nos momentos difíceis.

Ao meus familiares, que participaram ativamente do processo.

Finalmente, a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para realização deste trabalho.

SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	07
Lista de Tabelas.....	08
Apêndices.....	71
Anexos.....	72
CAPÍTULO I.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Formulação da Situação- Problema	14
1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	16
1.3 OBJETIVOS.....	17
1.3.1 Geral.....	17
1.3.2 ESPECÍFICOS.....	17
1.4 Metodologia.....	18
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	18
CAPÍTULO II.....	20
2. REVISÃO DA LITERATURA – MARCO TEÓRICO.....	20
2.1 Cadeias Produtivas - Estudos e sua Contribuição Histórica.....	20
2.1.1 Agribusiness.....	21
2.1.2 FILIÈRES.....	25
CAPÍTULO III.....	30
3. Condicionantes Estruturais da Formação da Rede Urbana Serrana.....	30
3.1 Um olhar sobre Lages.....	30
3.2 Características do Município de Bom Retiro.....	34
3.3 O Vime e Sua Importância Sócio-Econômica para a Região Serrana-SC.....	36
PRODUÇÃO IN-NATURA (T).....	38
3.3.1 Histórico do Vime e sua Importância Econômica na Região de Bom Retiro.....	39
CAPÍTULO VI.....	44
4. Estrutura e características dos Agentes que Compõem a Cadeia Produtiva no Município de Bom Retiro- SC.....	44
4.1 Estrutura Fundiária do Vime - Produtor de Matéria Prima.....	44
4.2 Processamento do Vime – Descascador.....	47
4.3 Artesanato Artesão de Vime.....	50
4.4 Considerações a respeito dos principais agentes da cadeia produtiva do vime.....	54
CAPÍTULO V.....	56
5. Transações Econômicas da Cadeia produtiva do Vime em Bom Retiro Santa Catarina.....	56
5.1 Análise da Transação entre Comercio de Insumos (T1).....	56
5.1.1 Produtor de Vime.....	56
5.1.2 Descascadores.....	57
5.1.3 Artesão.....	57
5.2 Análise da Transação entre Produtor - (T2)	58
5.2.1 Produtores de Uva - Vale dos vinhedos Rio Grande do Sul.....	58
5.2.2 Descascador.....	58
5.3 Análise da Transação entre Descascadores -(T3).....	59
5.3.1 Artesãos Locais.....	59

5.3.2 Intermediário Vime Descascado.....	60
5.3.3 Industria de Moveis e Artesanato de Outros Municípios, Cidades Estados.	61
5.3.4 Intermediários de outros Municípios que fornecem vime descascado a outras regiões.....	61
5.3.5 Intermediário de Artesanato e Móveis	62
5.4 Análise da Transação entre – Atacado e Varejo (T4).....	62
5.4.1 Comercio local e lojas de artesanato de outras cidades.....	62
5.4.2 Intermediários de Outros Estados.....	63
5.5 Análise da Transação entre Varejo e Consumidor (T5).....	63
CAPÍTULO VI.....	65
6.1 Conclusões.....	66
6.2 Recomendações Finais.....	67
Bibliografia.....	68

Lista de Figuras

Figura 1 Enfoque Sistêmico do <i>Agrobusiness</i>	24
Figura 2 Fluxograma das Transações Econômicas	63

Lista de Tabelas

Tabela 1 : Estrutura Fundiária do Vime - Produtor de Matéria Prima.....	37
Tabela 2 : Quantidade de vime produzido no município de Bom Retiro.....	39
Tabela 3 :Quantidade Total de Vime, produzido no município de Bom Retiro.....	45

APRESENTAÇÃO

Este projeto de monografia faz parte do conteúdo programático da Disciplina CNM 5420, Monografia do currículo do Curso de Economia ministrada na 10º fase sob a responsabilidade do Departamento de Ciências Econômicas.

A presente monografia é requisito básico para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas. Tem pôr objetivo proporcionar ao estudante a possibilidade de concentrar parte de seu conhecimento em uma especialidade. Neste sentido, sob a tutela de um orientador que compõe o corpo docente do Departamento de Ciências Econômicas, o aluno compõe o seu trabalho de conclusão de curso.

A escolha do assunto - Análise da Cadeia Produtiva do Vime em Bom Retiro-SC - pretende contribuir, para formular as bases estruturais para sustentabilidade desta atividade, na localidade de Bom Retiro. Isto se dá primeiramente pela investigação das relações comerciais através das quais os agentes econômicos interagem de forma sistêmica configurando a cadeia produtiva deste setor.

Resumo

O estudo deste trabalho consiste, em estudar o processo de formação e organização, da cadeia produtiva do vime em Bom Retiro - SC, reunindo seus elementos, e características fundamentais. Nos últimos três anos as grandes safras decorrentes do forte incentivo a cultura do vime, em função de um ciclo de preços altamente lucrativos, acarretou uma alta oferta do produto. A queda do valor do vime em conjunto com a baixa qualidade do produto impossibilita a reprodução da cultura e do artesanato, que apresenta fortes laços familiares e se assemelha ao desenvolvimento da unidade de exploração rural, com conflitos de origem mercadológicas, que não suportam as pressões internas e externas do mercado. Dentre essas características, a falta de instituições locais para apoiar os agentes econômicos que atuam na cadeia produtiva tem impossibilitado o desenvolvimento sistêmico local. O trabalho desenvolvido, de forma consiste em avaliar o processo da cadeia produtiva do vime no Município de Bom Retiro-SC através dos conceitos do Agribusiness e do Fillières. A compreensão trazida pela análise sistêmica somados à a pesquisa de campo nos permite observar a falta de integração entre os agentes da cadeia, onde percebe-se a falta de sustentabilidade do sistema local.

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

As transformações na economia nacional, desencadeadas a partir da década de 50, configuram um novo modelo de desenvolvimento, na qual as cidades, se apresentam como centros altamente especializados e industrializados. A crescente urbanização, em conjunto com a industrialização, enquadraram uma rede urbana de negócios, influenciada pela demanda de bens de consumo, alimentada pelas propriedades rurais, que fornecem produtos *in-natura*.

A agricultura tradicional deixou de ser a principal base de produção, cujo motor dinâmico passou a ser a empresa agrícola profissionalizada, com base no trabalho assalariado. Com crescimento da indústria, ocorrido durante o “milagre brasileiro”, associado às super-safras decorrentes da forte mecanização da agricultura, passou a figurar um produtor rural integrados à cadeia produtiva nacional. Neste sentido, cabe destacar que o antigo modelo insipiente de trabalho começa a se desfigurar, transformando-se do modelo subsistência para capitalista. Estas mudanças significativas aconteceram em virtude não só das transformações na economia brasileira, calcadas nas tendências mundiais, mas também das inovações tecnológicas apontadas pela revolução verde¹. A partir deste momento, a propriedade rural passa a se ancorar na forte mecanização, aliada a utilização de insumos químicos, todas estas tecnologias importadas dos países industrializados. Cabe destacar que todo este movimento em busca de uma maior produtividade agrícola foi subsidiado pelo Estado, via o crédito

¹ Revolução Verde é a modernização da agricultura, via biotecnologia e mecanização: sementes melhoradas que respondiam rapidamente ao uso de adubos químicos necessitavam de aplicação de agrotóxicos, e com operações geralmente mecanizadas

rural e inserido dentro de uma política de desenvolvimento nacional (substituição das importações).

Estas transformações da economia nacional levaram Santa Catarina a figurar como um dos principais fornecedores de alimentos e matérias primas que os grandes centros urbanos do país, principalmente o eixo Rio - São Paulo. Assim, a pequena propriedade rural catarinense passa a conectar-se à grandes transformações da economia nacional. Nas palavras de Israel (1991, p. 25),

“os pequenos produtores deixam de ser produtores de subsistência, no sentido de ofertarem apenas o excedente, e passam a produzir fundamentalmente para o mercado. Além disso, por imposição do capital industrial e comercial, também passaram a ser consumidoras de insumos industriais, transformando a agricultura de subsistência em altamente predatória.”

Os processos de mudanças da agricultura, em meados dos anos 80, submetem os agentes econômicos a uma postura empresarial mais eficiente. Nesse contexto, incentivou-se a incorporação de terras desocupadas ao processo produtivo, visando uma melhoria na produtividade. Este aumento da produtividade se deu via intensificação do emprego de máquinas e insumos modernos. Assim, paralelamente à incorporação de novas áreas aos estabelecimentos e expansão do espaço produtivo no interior dos mesmos, verificaram-se mudanças na base técnica da atividade agrícola. Isto para garantir a sobrevivência do agricultor no mercado, já que somente as transformações no ambiente organizacional agrícola (entre outros, aquisição de maquinários e insumos químicos) não permitem uma adaptação para responder às novas exigências econômicas. Soma-se a isto a necessidade de uma política de desenvolvimento agrícola, preocupada com o pequeno produtor, que forma a grande base produtiva deste setor em nosso país.

Um exemplo disto, segundo Cerri (2000) são as transformações que vêm ocorrendo no meio rural, e em especial, no segmento da agricultura familiar, que emprega 77% dos 17,3 milhões de brasileiros que trabalham no campo, representado 85,5% dos estabelecimentos agrícolas no Brasil. A insuficiência de terra, tecnologia e crédito, somado ao avanço da automação nas operações de colheita e pós colheitas, e as novas exigências de escala produtiva, enquadram para a decadência desse segmento.

Como resultado, imensas massas populacionais se deslocam para as cidades em busca das “vantagens” exibidas via meios de comunicação. Para se ter uma idéia, como bem coloca Cerri (2000), nos anos 90, 400 mil produtores perderam suas terras, reforçando o quadro de 28,5 milhões de pessoas expulsas do campo no período entre 1960 e 1980. Ou seja, em três décadas algo equivalente a uma Argentina se deslocou para as cidades.

Outro agravante da situação do agricultor, quanto a falta de acesso às informações, diz respeito ao mundo globalizado, fator de risco social muito grave, pois estas perspectivas possibilitam ao empresário rural ter a percepção da cadeia produtiva a qual ele se insere. Ou seja, o acesso à informações possibilita visualizar sua função dentro de um contexto nacional, ou mundial, possibilitando o entendimento harmônico entre os diversos segmentos estruturadores da cadeia. Vale ressaltar que, o acesso a informações não é algo estático, visto que necessita de um acompanhamento que possibilite o entendimento da dinâmica da cadeia, permitindo estabelecer elos entre os agentes, reduzindo custos de transações econômicas e garantindo, sobretudo, produtos mais competitivos no mercado internacional.

A cultura do vime é um exemplo clássico da falta de informações, tendo em vista que, nos últimos anos, sua exploração sofreu fortes impactos no mercado. Estes

impactos foram gerados pela baixa qualidade do vime, pelas supersafras e pelo artesanato de pouca qualidade.

Pretende-se estudar as variáveis econômicas que afetaram a coordenação sistêmica da cadeia produtiva do vime, no município de Bom Retiro – SC, fundamentando-se num diagnóstico que procure elucidar os principais problemas enfrentados pelos agricultores, descascados e artesãos da região do estudo.

1.1 FORMULAÇÃO DA SITUAÇÃO- PROBLEMA

Acredita-se que a China é o maior exportador mundial de móveis de vime e artesanato no mundo. Este segmento exige baixa tecnologia e mão-de-obra artesanal. No Brasil a produção de vime *in-natura* se concentra na Região Sul, onde se desenvolve um híbrido *Salix rubens Schran*. Este produto representa cerca de 80 a 90% do material básico, usado pela indústria de artesanato e móveis de vime brasileira. É cultivado em áreas abertas e úmidas, como as zonas de vegetação pluvial e encontrado em pequenas fazendas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Santa Catarina responde por 90% da produção nacional de vime, que se concentra na Região serrana, abrangendo mais de 1400 famílias em uma área de 1500 ha, representando uma renda anual de R\$ 3,15 milhões. A maioria das fazendas que produzem vime são pequenas, familiares e cultivam outras plantações como uva e alguns tipos de vegetais.

O cultivo do vime no município de Bom Retiro – SC é uma das principais atividades comerciais da entre-safra nas pequenas propriedades rurais. Este segmento representa a terceira maior área cultivada da região. Seu ciclo sazonal possibilita ao agricultor adquirir uma renda adicional e absorver parte da mão de obra ociosa do município.

O aumento da participação econômica do vime, na economia da região, possibilitou a formação de complexos pouco organizados e muito produtivos, devido a falta de informação mercadológica. Esta falta de informação ligadas as grandes safras, afetam o planejamento da produção e contribuem para o aumento da oferta que afeta toda a cadeia produtiva do vime. Assim, a falta de planejamento remete a uma alta produção em uma unidade a qual enseja uma queda no preço do produto *in natura*. Este fato contribui no sentido de aumentar a competição entre os agricultores, que temem a perda da produção. Cabe ressaltar que estes fatos, aliados a barganha desleal dos compradores, emperram toda a coordenação da cadeia e apontam para um círculo vicioso, onde competição gera competição e os caminhos de diálogo para a construção de uma cadeia sustentável são obstruídos. A possibilidade de uma ação cooperativa torna-se mais difícil no momento em que cada produtor encarcera-se em suas propriedades, objetivando a alta produtividade e não uma produção eficiente. Os reflexos disto são evidentes e concentram-se não somente no plano econômico como também no social, ecológico e cultural.

Vale ressaltar o agravante que estas unidades produtivas tipicamente familiares são afetadas pela falta de interatividade com o mercado estadual e nacional, seguidos da pouca especificação técnica do produto aliado a baixa qualidade do vime *in-natura*, ou transformado em móveis e artesanatos, não permitindo uma concorrência com produtos similares e de qualidade superior que se encontra no mercado. A baixa qualidade do vime beneficiado está principalmente aliada ao descascamento ineficaz, um sistema de armazenagem que causa deformidades nas varas desqualificando o produto para sua comercialização final no mercado. Outro fato que aponta para um quadro delicado desta atividade refere-se aos artesãos da região serem desprovidos de capacitação técnica, não atendendo as exigências do mercado. Um dos pontos a se destacar é a pouca diversidade

de desenhos que geram uma baixa diversificação de produtos e o mau aproveitamento da matéria prima.

O estudo pretende analisar essencialmente duas dimensões. A primeira se consolida na compreensão do setor agrário e agroindustrial, em particular vinculados a cultura do vime. Isto será realizado através do levantamento de questões que possam elucidar o comportamento mercadológico e a interação dos agentes na cadeia produtiva. A segunda, pretende demonstrar a atual insustentabilidade comercial da cadeia produtiva do vime no Município.

A pesquisa apóia-se na interpretação de diferentes indicadores e dados fornecidos pela pesquisa de campo, levantamentos bibliográficos, censos rurais, que permitam elucidá-los.

A carência de um estudo da cadeia produtiva do vime, e uma ponte para levantar-se questões que permitam responder por um viés econômico, a falta de sustentação dos agentes que cultivam, beneficiam e agregam valores ao vime com o artesanato e a fabricação de móveis e utensílios.

1.2 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa, dará prioridade, ao estudo da cadeia produtiva do vime em Bom Retiro-SC, abordando temas econômicos, à luz da composição sistêmica do Filière² e do agribusiness, e suas interações no ambiente organizacional da região analisada. Serão caracterizadas várias relações econômicas entre os agentes que compõem a cadeia, estabelecendo os principais elos de ligação mercadológica, antes da porteira, dentro da porteira e fora da porteira das unidades agrícolas que produzem vime na região.

(ARAÚJO et al. 1990). Procura-se demonstrar as principais deficiências que o mercado apresenta, através de dados levantados na pesquisa de campo e fornecidos pela Epagri do município.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

Diagnosticar a Cadeia Produtiva do Vime em Bom Retiro –SC, de modo a evidenciar suas relações econômicas no processo de transformação dos produtos, bem como as interações entre os agentes econômicos.

1.3.2 ESPECÍFICOS

- a. Analisar as principais características dos agentes e o grau de interação destes na cadeia produtiva;
- b. Diagnosticar as principais características, presentes no processo de formação mercadológica da organização da cadeia ;
- c. Avaliar a sustentabilidade econômica e da produção de vime do município em estudo.

² Filière: é um produto da escola industrial Francesa, ou seja uma cadeia que é uma seqüência de operações interligadas que se articula pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes econômicos que buscam a maximizar do seu lucro. Zylbersztajn et al. (2000)

1.4 METODOLOGIA

A metodologia para a realização do trabalho, constitui-se na revisão bibliográfica, sendo para isso utilizados livros e artigos especializados. Outra etapa resume-se na pesquisa de campo concretizada na aplicação de três modelos de questionários submetidos aos integrantes da cadeia. Seu propósito imediato é o de prover maior conhecimento sobre o tema.

As entrevistas, que contêm propósitos bem claros para possibilitar uma estruturação do trabalho, foram estruturadas e realizadas pessoalmente no ambiente de trabalho dos entrevistados. . As perguntas são abertas e fechadas, pelas quais as pessoas questionadas têm liberdade de expressar, preocupações, valores, opiniões, experiências, atitudes, estilo de vida, comportamento e sua interação com o mercado local. As pessoas entrevistadas representam os diversos segmentos da cadeia, como:

- a. produção de vime in-natura (Agricultor);
- b. processamento (Descascador);
- c. artesanato (Artesão)

Para tabular os dados da pesquisa de campo foi utilizado o excel quantificando os dados com a utilização de ferramentas estatística como a media aritmética, posteriormente transformadas em percentuais com o objetivo de proporcionar ao leitor uma maior facilidade na compreensão dos dados. A pesquisa abordou uma amostra de 17 produtores de vime, 4 beneficiadores e 4 artesões de vime, buscado enfocar sua maior área de concentração Municipal.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho é dividido pelo entendimento de cada assunto, não significando a sua independência ou especificidade. Conforme pode ser observado, sua organização define uma relação de interdependência e complementaridade.

Assim, no segundo capítulo, é apresentado um referencial bibliográfico abordando os temas “sistemas *agribusiness*” e “Filière”, cadeia de produção agropecuária e suas peculiaridades.

No terceiro capítulo são apresentados condicionantes estruturais da formação da rede urbana da região serrana e do município de Bom Retiro-SC, retratando-se a importância econômica e social do vime.

No capítulo quatro é feita uma análise do ambiente organizacional onde a cadeia está inserida, fornecedor de insumos para o vime, a caracterização da cultura do vime, segmento do produtor, segmento da transformação do vime, o segmento do artesão. No quinto capítulo são abordadas as transações comerciais derivadas da análise do processo mercadológico, entre os agentes que coordenam na cadeia, ou seja diagnosticar as principais características presentes no processo de formação e organização da cadeia.

No capítulo sexto, são apresentadas as conclusões finais do trabalho, que procuram retratar a existência da sustentabilidade econômica e mercadológica da produção de vime, no município em estudo e as sugestões de temas a serem aprofundados.

CAPÍTULO II

2. REVISÃO DA LITERATURA – MARCO TEÓRICO

Este capítulo apresenta as principais teorias utilizadas para a compreensão da cadeia produtiva do vime em Bom Retiro – SC.

2.1 CADEIAS PRODUTIVAS - ESTUDOS E SUA CONTRIBUIÇÃO

HISTÓRICA

As relações econômicas e sociais, em conjunto com a processo tecnológica, em um ambiente espacial favorável, contribuíram para o aperfeiçoamento e desenvolvimento de sistemas integrados de comercialização. Estes sistemas, tanto nos centros urbanos quanto nos rurais, são enfatizados pela evolução dos processos de natureza mercadológica. A diversificação de atividades nas propriedades agrícolas, expressada no modelo de agricultura de subsistência, foi-se modificando na medida que aumentou a especialização das fazendas, devido ao desenvolvimento dos grandes centros urbanos. Dentro deste contexto de evolução do mercado agrícola nota-se a exigência de um profissionalismo cada dia maior. Segundo Araújo (1993), ao se referir a passagem da *"era da agricultura"* para a *"era do agribusiness"* salienta que esta foi marcada por profundas relações tecnológicas, comerciais e financeiras da agropecuária, bem como dos setores industriais, comerciais e de serviços ligados à agricultura.

Segundo este autor, a revolução tecnológica nas fazendas é a principal responsável pela transformação da agricultura, em um subsistema da indústria. Portanto, um sistema deve ser estudado por inteiro: englobando os setores denominados "*antes da porteira*", que são os fornecedores de insumos (máquinas, implementos), "*dentro da porteira*", que compreende as unidades produtivas agrícolas, e "*pós-porteira*", incluindo o armazenamento, beneficiamento, industrialização, embalagem, distribuição, consumo de produtos alimentares, fibras e produtos energéticos, provenientes da biomassa.

Neste sentido, a pesquisa tem a intenção de se valer de duas bases teóricas que sustentam o conceito de cadeia produtiva. Sendo assim, serão apresentadas em duas vertentes da literatura: a do *Commodity System Approach* (CSA) e de *filières*.

Uma das correntes tem enfoque nos sistemas de commodities, ou sistema de complexos agroindustriais - CSA (*Commodity System Approach*), que teve origem na escola de Harvard. Destaca-se como pioneiros os autores Davis e Goldberg (1957) *apud* Zylbersztajn (2000) e Batalha (1996). A outra corrente que trata do agronegócio vem da escola francesa de organização industrial de Morvan, (ano, *apud* ZYLBERSZTAJN, (2000 e BATALHA, 1996), a qual foi introduzida através do conceito de Cadeia Agro-alimentar (*filière*). Estes conceitos, apesar das diferenças de origem de abordagens, apresentam pontos convergentes.

2.1.1 Agribusiness

A evolução da agricultura, acompanhada pela segmentação dos setores agrícolas, tem se desenvolvido de forma sistêmica. Segundo o trabalho de Davis e Goldberg (1937, *apud* BATALHA 1997, p. 5) o *agribusiness* se define como: "a soma das operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, do armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e itens produzidos a partir deles".

Desta forma vê-se este termo mais apropriado para descrever o todo em se tratando das operações empresariais, que ocorrem fora da porteira até o produto do campo chegar ao consumidor final via segmentação dos setores de produção.

Os trabalhos de Davis e Goldberg (1937, *apud* ZYLBERSZTAJN et al. 2000) contribuem para compreendermos as interações das indústrias de insumos, produção agropecuária, indústria de alimentos e sistema de distribuição. Araujo, Wedekin e Pinazza (1990) e Zylbersztajn (2000) descrevem os estudos de sistemas agroindustriais, como sendo uma ótima ferramenta de gestão, tendo ampla aplicação na formação de políticas públicas, organizações de empresas, até a formulação de estratégias corporativas entre as firmas.

Segundo Zylbersztajn (2000) os trabalhos de Davis e Goldberg contribuem para o seguinte arcabouço teórico:

- I. Sistemas de complexos agroindustriais (*agribusiness*), são uma metodologia de análise amplamente utilizada na composição de estudos dirigidos aos agronegócios. O aporte teórico proposto de Davis e Goldberg é fundamentado no Programa de *Agribusiness* de Harvard, o qual a empresa é observada, pela sua interação de forma sistêmica. O modelo propõe analisar se a sobrevivência das empresas de origem agrícola apóia-se no ambiente organizacional ao qual estão inseridas.
- II. O sistema do *agribusiness*, tem restrições, para a analisar setores isolados³, produtos isolados tais como sistema agroindustrial de frutas, da soja, do trigo e outros. É uma análise por produto, envolve um de pesquisa da origem do produto até o consumidor final.

³ Setores Isolados: Permite analisar metodicamente um segmento mercadológico, visando buscar qual o grau de interatividade dos componentes do sistema.

III. O estudo na visão sistêmica permite tomar decisões corporativas. Estas características dos sistemas do *agribusiness*, possibilitam a demanda por estudos detalhados, que buscam compreender o funcionamento

O quadro abaixo descreve o atual processo de encadearamento, descrito por Shelman (1991) e introduz estudos mais recentes realizados pelo Instituto PENSA no Brasil. O diagrama busca ressaltar a importância que o ambiente institucional tem nos processos produtivos, devido sua interatividade dinâmica na condução organizacional das empresas agrícolas.

O enfoque de Goldberg, distinguiu dois níveis de agregação, ou seja, uma mesoanálise. A primeira é a relação macroeconômica, que estuda as unidades de base econômica (Agentes Econômicos) e seus fluxos de bens e serviços, e as estratégias das firmas no ambiente. A segunda compreende o todo dos sistemas, ou seja, a macroeconomia engloba o Estado e os grandes agregados econômicos, que desenham a composição sistêmica do mercado, como regulamentação das operações, P&D e a condução do mercado.

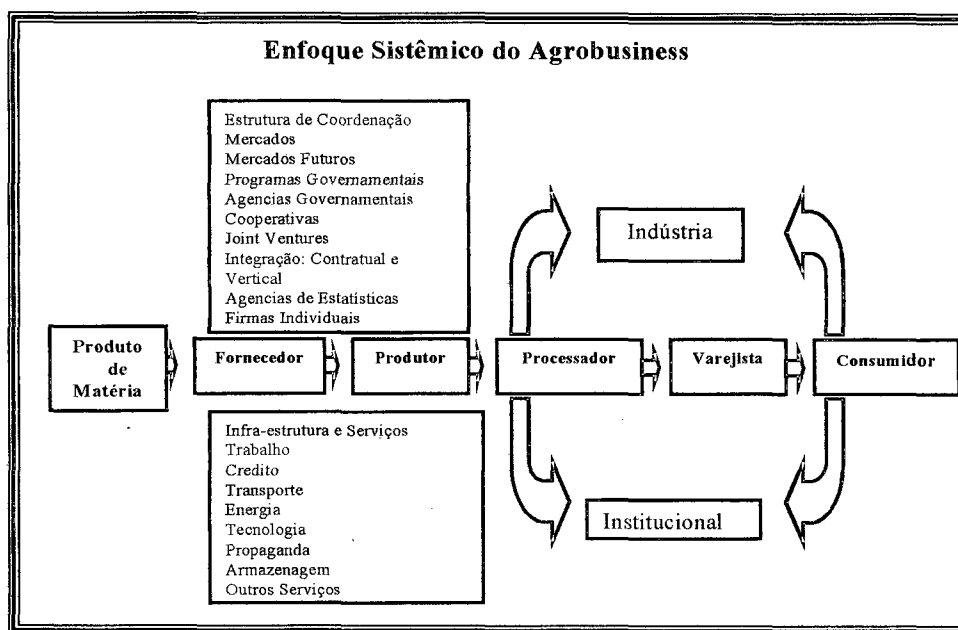


Figura 2 Enfoque Sistêmico do *Agrobusiness*
 Fonte: Zylbersztajn et al. 2000 p. 6

2.1.2 FILIÈRES

A origem do *filière*, fundamenta-se na escola de economia industrial francesa em 1960, que caracteriza, uma seqüência de atividades, que produzem uma *commodity*, em um produto acabado, para o consumidor final. Esse enfoque, de cadeias, segundo Morvan (ano, apud ZYLBERSZTAJN et al. Ano, p.) “não privilegia, o variável preço, na coordenação do sistema, e busca focar em especial, aspectos distributivos, dos produtos industriais, e variáveis estruturais” (2000, p. 9). O conceito tem por objetivo aproximar a visão de organização industrial na formulação de políticas públicas e privadas, além de ser uma ferramenta de descrição técnico-econômica⁴, que possibilita os agentes interagidos à cadeia analisar as estratégias⁵ das firmas concorrentes.

Definido por Morvan, em Zylbersztajn et al, cadeia (*filières*):

“é uma seqüência de operações que conduzem à produção de bens. Sua articulação é amplamente influenciada pela fronteira de possibilidades ditadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização dos seus lucros. As relações entre os agentes são de independência ou complementaridade e são determinadas por forças hierárquicas. Em diferentes níveis de análise, cadeia é um sistema mais ou menos capaz de assegurar sua própria transformação”. (2000, p. 9)

Morvan (1985, apud BATALHA, 1997, p.) acrescentou uma síntese de idéias vinculadas a elementos interligados sistematicamente na cadeia de produção, o que permite caracterizar a cadeia produtiva como:

- I. A cadeia de produção é uma seqüência de operações de transformação dissociáveis, que interagem ou não entre si por um encadeamento técnico-econômico, descrevendo o processo de produção do início ao

⁴ Técnico-Econômica : avalia a vantagem a entrada da empresa em outro setor, em função das relações comerciais e tecnológicas, de acordo com a atividade exercida pela firma, levando em conta os pontos fortes e fracos da empresa em outros setores (vantagem competitiva) da cadeia de produção, em função de seu campo de atuação.

⁵ Estratégias: São os fatores ligados a dinâmica sistêmica como rentabilidade, barreiras a entrada, mobilidade estratégica do atores.

- final (matéria-prima – processamento – comercialização – Consumidor Final), sendo modificadas por inovações tecnológicas, progressos técnicos, natureza dos mercados e aspectos dos consumidores;
- II. A cadeia da produção, e conjunto de relações econômicas e financeiras, que se estabelecem entre todos os estados da transformação. Esses encadeamentos relacionados pelas trocas a montante e a jusante, constituem um “*ambiente espacial de relações*” que é coordenado pelo aprimoramento técnico ou através dos mercados, cujas restrições tendem a condicionar ou não as trocas;
- III. A cadeia de produção é um conjunto de ações econômicas que preside na valorização dos meios de produção, que participam na definição de estratégias e asseguram a articulação das operações como a interação dos agentes entre setores do mercado como: economia de escala, integração vertical e horizontal, domínio da produção e comercialização, estruturas físicas e diversificação;
- IV. O conceito de *filière*, é baseado na visão sistêmica, ou seja, na análise das relações inter-setoriais, objetivado no estudo das relações de dependência interativa sistêmica como um resultado da estrutura de mercado, podendo ainda considerar a dependência a montante de ações de instituições influenciadas por alguns grupos dominantes.
- V. Toda a *filière*, se apóia a montante de uma matéria-prima base, cuja dinâmica de transformação progressiva resulta a jusante, em um produto final, compondo várias funções, e sua seqüência, é dirigida pela transformação da matéria, sob a forma de produto.

A cadeia de produção agroindustrial como um sistema aberto, fragmentada em quatro macrosseguimentos, seguindo o princípio da verticalização (Relacionamentos Inter-setoriais), a montante a jusante da produção, e é descrito tradicionalmente por e Zylbersztajn et al (2000, p.) como:

- Comercialização (Varejo ou Atacado)- são os agentes responsáveis pela distribuição ao longo da cadeia: a montante fornece insumo para produção; à jusante é responsável pela distribuição dos produtos ao consumidor final e viabilizam o transporte, o comércio e o consumo, sendo representadas por empresas de iniciativa privada, incluindo os responsáveis pela logística;
- Industrialização (Agroindústria) - são as firmas responsáveis pela transformação de matéria-prima em produtos finais, podendo assumir características agroindustriais, ou de unidades produtivas familiares sendo responsável pela estocagem e transporte;
- Produção de matéria-prima - são firmas fornecedoras de matéria-prima (*commodities*) iniciais para indústrias transformadoras, de produtos acabados, ao consumidor final, e é força central, que dá forma ao sistema dos agronegócios, apresentando conflituosos relacionamentos, entre seus elos, por estarem distantes dos consumidores finais;
- Consumidor é ponto onde converge o fluxo de produtos no sistema, privilegiando suas necessidades, renda, faixa etária, expectativas. Geralmente estão distantes da etapa da produção

pois o encadeamento passa por diversos segmentos, como o mercado atacadista e varejista.

É possível considerar que as diferentes cadeias possam competir entre si para suprir as necessidades dos consumidores, destacando os elementos dinâmicos, os quais enfocam a importância da variável tecnológica, que é a principal base modificadora do produto é, conseqüentemente, um fator de mudança na própria estrutura dos mercados.

A vertente dinâmica das cadeias está contida na porosidade e na instabilidade, ambas relacionadas às interações de cadeias de produtos diferentes, ou seja, na capacidade das firmas em se adequarem ao ambiente organizacional. As fronteiras das cadeias podem se modificar ao longo do tempo com as relações intersetoriais que envolvem a base tecnológica e comercial e que formam o esqueleto interativo dos agentes.

Assim, Batalha (1997) depende que os encadeamentos das operações devem ser feitos sob ótica tecnológica. A composição sistêmica é segmentada pelas operações de fabricação de um produto passa por um estado intermediário⁶ de produção, em que o produto neste meio deverá ter uma estabilidade física de coordenação, para ser comercializado, possuindo um valor real ou potencial no mercado. Este mercado é articulado por macrosseguimentos compostos por etapas intermediárias de produção, que possibilitam observar quatro mercados com diferentes características (Batalha & Silva *apud* BATALHA, 1995 p. 45):

- entre os produtores de insumos e os produtores rurais;
- entre os produtores rurais e a agroindústria ;
- entre a agroindústria e os distribuidores ou entre as agroindústrias;
- entre os distribuidores e os consumidores finais.

⁶Intermediario : Caracteriza o produtor final da cadeia

Estas operações de base situam-se sempre a jusante e a montante da cadeia produtiva. Vale ressaltar que estas são condicionadas pela imposição do consumidor final, que é responsável pelas mudanças no sistema. Além de apresentar processos dinâmicos, as operações elementares de base, podem ser comuns às varias cadeias produtivas que são cauterizadas pelas “operações-nós”. Estas operações possibilitam uma característica sinergia ao sistema, além de serem fundamentais do ponto de vista estratégico, alicerçadas nas bases técnicas na logística ou no comércio, sob um ambiente interativo de difícil execução prática com informações distorcidas a montante da cadeia.

CAPITULO III

3.CONDICIONANTES ESTRUTURAIIS DA FORMAÇÃO DA REDE URBANA SERRANA

A cidade de Lages, Santa Catarina, deu origem a diversos núcleos de povoamento devido à criação de gado na região serrana, que se configurou em várias aldeias isoladas. Estas aldeias, influenciadas pela formação de rede urbana, lideradas por Lages, promoveram na região serrana o desenvolvimento sócio econômico, ressurgindo novos municípios.

3.1 UM OLHAR SOBRE LAGES

Segundo Silva (1978) o sul do Brasil permaneceu, até final do século XVII, a margem da história política da colônia. Esta região começa a ganhar importância com o desenvolvimento da política expansionista, assumida pelos portugueses e pelo desenvolvimento da mineração na região de Minas Gerais, que viabilizam o aproveitamento do gado dos pampas explorado pelos paulistas.

Com intuito de possibilitar a penetração no sul da colônia é incentivada a criação de portos-povoações. Assim o Estado vê a fundação de três núcleos litorâneos: São Francisco no nordeste (1658); Desterro no centro (1673); Laguna ao sul (1684). Os dois primeiros núcleos estavam associados às funções estratégicas de defesa e ponto de apoio à navegação, enquanto o último estava ligado, juntamente com Lages (1771) no planalto catarinense, à produção de gado.

No tocante ao aproveitamento do gado do sul, Laguna surge como núcleo paulista dos caçadores de gados. Este núcleo impulsiona a construção da Estrada dos Conventos (1727) que possibilitava o deslocamento do rebanho do litoral à região do planalto. No decorrer do século XVIII, o Rio Grande do Sul ganha força com a função de abastecimento de gado. Com isso, o caminho dos conventos perde importância e acaba substituído por outro que atravessa os Campos de Vacarias, atingindo Lages e São Paulo.

Conforme Silva (1978) estes caminhos de gados não só dão origem a diversos núcleos de povoamento (dentre eles Bom Retiro), como configuram o sistema rodoviário atual. Como exemplo citamos o caminho das Vacarias, este configura-se como a primeira rota de passagem pelo Estado (atual traçado da BR-116), ao mesmo tempo deixa isolado os três núcleos litorâneos.

Vale ressaltar que estes quatro núcleos isolados não foram organizados em função da economia colonial mas, especialmente, como suporte à penetração portuguesa e paulista no sul do Brasil. Como resultado desta postura do governo português constatamos em Santa Catarina a formação de um conjunto de regiões econômicas, praticamente isoladas, tendo nos portos próximos às mesmas o principal meio de comunicação e escoamento da produção.

É notável a ausência de um núcleo que centralizasse a rede urbana catarinense. Assim o Estado permanece com esta configuração até 1930. Até esta data, sua economia permanece centrada com base na agricultura familiar diversificada e no extrativismo. Possuindo várias zonas auto-suficientes que, à medida que se especializam, contribuem para processo de unificação do mercado nacional.

Esta situação vem a se alterar em decorrência de uma série de eventos internos e externos. Conforme Silva (1978), a quebra da bolsa de Nova York em 1929, somada à

unificação legal do mercado nacional, com a quebra das tarifas alfandegárias entre Estados em 1937 e a crescente demanda imposta pela Segunda Guerra Mundial, possibilitaram uma crescente concentração de capital no eixo Rio-São Paulo. Destes grandes centros passam a figurar uma divisão nacional de trabalho, onde as economias regionais configuram-se como exportadoras de matérias-primas e alimentos para estes pólos.

Assim, durante este período (1930/1950), com o intuito de abastecer os prósperos centros econômicos nacionais, Santa Catarina demonstra uma expansão do extrativismo e da industrialização. Esta série de eventos acaba definindo um processo de especialização, caracterizando o Estado, especialmente, pelo papel de exportador de matérias-primas (madeira e carvão), produtos alimentares e têxteis destinados ao mercado nacional.

No tocante a região em estudo notamos, a partir daí, o início da polarização que Lages virá exercer nas próximas décadas sobre as demais cidades. Isto se dá devido à especialização, assumida pela região, que passa a configurar-se no setor do extrativismo vegetal e indústria madeireira. Vemos, num primeiro momento, que este fato está associado a demanda promovida pela Segunda Guerra Mundial. Esta eleva o preço do produto e por conseqüência viabiliza a exploração desmesurada deste recurso natural.

Num segundo momento, Lages ganha importância devido sua excelente localização entre as recentes rotas de ligação com o litoral e centro do País (BR-470 e BR-116) e devido a proximidade e disponibilidade de “*infinitos*” recursos naturais. Devido a isto a cidade vê seu desenvolvimento baseado em um amplo parque madeireiro, atraindo a implantação de algumas empresas internacionais de grande porte. Deste modo, a cidade afirma sua posição como centro regional do planalto catarinense.

Em 1970 Lages já é o terceiro centro industrial em Santa Catarina e 90% do valor de produção deste setor vem do segmento madeireiro. Cabe alertar que este rápido e expressivo desenvolvimento da indústria madeireira contribuiu para que ocorresse um forte êxodo, devido ao esgotamento dos recursos florestais nas cidades da região e a oportunidade de empregos gerados pelo desenvolvimento da indústria.

Atualmente, a cidade de Lages reforça sua posição de polarizadora, ampliando seu parque industrial, estimulando o aparecimento das indústrias papeleras em cidades vizinhas - nos sugerindo uma futura conturbação. Por outro lado, muitas das cidades que eram polarizadas por Lages caem em estagnação devido à escassez de matéria prima. Outras ressurgem com a monocultura de pinus, no entanto não evitam o êxodo devido às características de absorverem pouca mão de obra.

Por fim, a região vê no turismo uma nova vocação capaz alavancar o desenvolvimento das cidades esquecidas pelo tempo. No entanto, não vemos uma abordagem regional de planejamento desta atividade. Fato este que é agravado pela obstrução dos canais de comunicação entre as cidades da região e as instituições que operam dentro de uma mesma cidade. Em se tratando de turismo toda cautela é pouca, pois o que se espera ser a salvação pode se tornar um caminho para a extinção destas pequenas cidades.

Segundo os autores como, o termo novo que se refere as novas tendências, que destaca as “pro atividades intensivas. Este termo “novos” foi colocado entre aspas porque muitas dessas atividades, na verdade representa a nova tendência do cotidiano da vida do homem rural, que encorpara à séculos no País, com enfoque econômico capitalista. Eram atividades de fundo de quintais, *hobbies* pessoais ou pequenos negócios agropecuários intensivos (piscicultura, horticultura, floricultura, fruticultura de mesa, criação de pequenos animais), que foram transformados em importantes

alternativas de emprego e renda no meio rural nos anos mais recentes. Muitas destas atividades, antes pouco valorizadas e dispersas, passaram a integrar verdadeiras cadeias produtivas, envolvendo, na maioria dos casos, não apenas transformações agroindustriais, mas também serviços pessoais e produtivos relativamente complexos e sofisticados nos ramos da distribuição, comunicações e embalagens.

Tal valorização também ocorre com as atividades rurais não-agrícolas derivadas da crescente urbanização do meio rural (moradia, turismo, lazer e prestação de serviços) e com as atividades decorrentes da preservação do meio ambiente, além de um outro conjunto de busca de “nichos de mercado” muito específicos para sua inserção econômica.

A formação urbana de Lages permitiu a constituição de vários municípios, que atualmente compreendem a região serrana. Com o fortalecimento de Lages como cidade nascem os primeiros vilarejos como Bom Retiro, principal ponto de repouso de peões que levavam gado de corte para a capital.

3.2 CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO DE BOM RETIRO

O município de Bom Retiro foi fundado em 1792, pelo bandeirante Antonio Marques Arzão, e emancipado em 14 de janeiro de 1923, através da Lei numero 1.408, com terras desmembradas das regiões de Lages.

O município de Bom Retiro possui uma área de 1.065,6 Km² e está localizado na região serrana catarinense. Segundo a divisão adotada pelo IBGE⁷, a partir de 1990, Bom Retiro integra a Microrregião dos campos de Lages⁸

⁷IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

⁸ Segundo a divisão do Brasil em Mesos e Microrregiões Geográficas, adotada pelo IBGE a partir de 1990, conforme a Resolução – PR nº 51 de 31/07/89, a Microrregião Geográfica dos Campos de Lages passou a ser constituída pelos seguintes municípios: Anita Garibaldi, Bom Jardim de Serra, Bom Retiro,

A sede do município situa-se às margens BR 282, no ponto mais alto do Estado, a meio caminho a 87 Km de Lages, e a 123 Km e Florianópolis, entre Bocaina do Sul e Alfredo Wagner, no eixo Leste- Oeste do Estado.

O município possui uma população de 7.255 habitantes, sendo 4048 na zona urbana e 3207 na rural, a uma densidade demográfica entre 4,32 –9,18 hab/km², em uma altitude média, variando de 890 a 1.827 m acima do nível do mar⁹.

A base da economia do município apóia-se na produção de maçã, cebola, milho, vime, pecuária e indústria madeireira. A população economicamente ativa está agrupada nos seguintes setores: primário, secundário e terciário¹⁰.

O vime na região de serrana foi implantado por colonizadores italianos, e atualmente é uma das principais culturas de anti-safra de inverno. Com baixos custos de manutenção, a cultura se fortalece e representa uma das principais fontes de renda no período de inverno das famílias da região serrana.

3.3 O VIME E SUA IMPORTÂNCIA SÓCIO-ECONÔMICA PARA A REGIÃO SERRANA-SC

Na região circunvizinha ao município de Lages concentra-se 90% da produção nacional de vime, sendo que mais de 1400 famílias trabalham com o cultivo de cerca de

Campo Belo, Celso Ramos, Correa Pinto, Lages, Otacílio Costa, São Joaquim, São Jose do Serrito, Urupema e Urubici.

Dados do Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico.-Região da Amures 2000

⁹ Dados do Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico.-Região da Amures 2000

¹⁰ Segundo o Recenseamento Geral da Agricultura 1999: **Setor primário:** agricultura, produção animal, caça e atividades dos serviços relacionados; silvicultura, exploração florestal e atividades dos serviços relacionados; pesca, agricultura e atividades dos serviços relacionados; **Setor secundário:** indústrias alimentares, das bebidas e do tabaco (*agroindústria*); outras indústrias; produção e distribuição de eletricidade, gás e água; construção; **Setor terciário:** serviços, administração pública; educação; saúde e ação social; outras.

1500 ha de vime, freqüentemente em áreas marginais a outros cultivos. Nessas propriedades o vime é uma das principais culturas geradoras de renda, possibilitando a sobrevivência destas famílias na atividade rural.

Para estas propriedades o vime é uma das principais culturas geradoras de renda na entre-safra. Segundo dados fornecidos pela Epagri de Lages esta atividade representa cerca de R\$ 3,15 milhões de reais/ano. Com uma agregação de valor ao produto *in-natura*, o vime pode gerar uma lucratividade dez vezes mais quando transformado em artesanato, móveis e utensílios conforme salienta Antonio Edu Antunes Arruda¹¹.

A pesquisa da Epagri constatou que a produção anual de vime da Região de Lages representa sete mil toneladas de varas descascadas. Entre estes, apenas 2% são transformados pelos pequenos artesãos da região. Atualmente, foram retiradas do Estado mais de 80% das varas sem agregação alguma de valor, escoando a produção para o Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e para os estados do norte e nordeste, limitando as milhares de oportunidades de trabalho e renda, que poderiam fazer parte do quadro econômico do Estado.

Conforme salienta o Dr. Brandes¹² o processo de transformação do vime em artesanato é capaz de ocupar 10 pessoas em tempo integral, na proporção de cada hectare cultivado, sem contar as outras oportunidades o remanescente ao encadeamento produtivo.

O maior fator de limitação do desenvolvimento do vime está na falta de coordenação sistêmica da cadeia produtiva na região Serrana, ou seja, na ausência de uma organização de produtores e artesãos locais. A falta de organização gera fortes restrições ao acesso ao crédito e aos mercados atacadistas nacionais e internacionais. Outro fator de risco do segmento está contido na homogeneidade cultivada na região

¹¹ Assistente. Técnico de Extensão Rural da Epagri de Lages em relato pessoal.

que se restringe à única variedade de vime, que o pesquisador Brandes adverte ser de baixa qualidade (Embrapa, 2000). Esta ocorrência se dá pela falta de informação tecnológica dos agricultores e artesãos, que os impossibilita de fornecer ao mercado produtos aceitáveis aos consumidores mais exigentes.

O vime permite multiusos, dentre outros: confecções de cestarias, adorno e utilitário na área movelaria, na confecção de brinquedos, na amarração de parreiras, na bioengenharia – proteção de rios e barrancos, descontaminação de solo e lençóis freáticos e terapia ocupacional.

A Tabela 1 reflete a atual condição da produção de vime *in-natura* nos principais municípios da região Serrana, como número de produtores, área cultivada, produtividade média por ha.

O município de Bocaina do Sul apresenta a maior área cultivada de vime da região serrana, sendo representada por 396 produtores em uma área de 395 ha, obtendo uma produtividade de 5332 toneladas. O município é alicerçado por um forte apoio tecnológico. O pesquisador¹³ possui um viveiro experimental com várias espécies de vime, formando híbridos mais resistentes e altamente produtivos, como espécies de vime: chilenos, franceses, belgas e indianos.

Tabela 1 : Estrutura Fundiária do Vime - Produtor de Matéria Prima

MUNICÍPIO	Nº PRODUTORES	ÁREA (ha)	PRODUTIVIDADE Média por ha (t)	PRODUÇÃO IN-NATURA (T)
Bom Retiro ¹⁴	162	503,3	8,39	4224,65
Bocaina do Sul	396	395	13,5	5.332
Urubici	325	117	18	2.106
Urupema	35	35	10	350
Painel	35	41	10	410
Lages	20	50	09	450
Palmeira	09	20	08	160
Rio Rufino	200	250	15	3.750
TOTAL	1.410	1.458	11.67 Média	21.358

Fonte : BRAUN, B. Produção e processamento de vime para artesanato na região de Lages

¹² Pesquisador da Epagri de Lages

¹³ Dieter de Brandes

¹⁴ Atualizado pelo diagnóstico rural da Epagri no município do Bom Retiro

O vime nos municípios na Região Serrana, representa 90% da produção nacional. Mais de 1400 famílias, em 1500 ha produzem uma renda anual de R\$ 3,15 milhões de reais por ano e agregam pouco valor ao produto onde apenas 2% da produção total é transformada em artesanato.

A constante venda do vime descascado a outros estados limita oportunidades de renda e trabalho na região, onde esta atividade poderia representar uma nova alternativa de vida para agricultor. Outro fator marcante é a homogeneidade do produto *in-natura*, que possui baixa qualidade para a confecção do artesanato. Este conjunto, aliado a uma falta de interatividade entre a cadeia produtiva, não permite a sustentação do cultivo de vime, que cada vez mais distancia os agentes econômicos do consumidor final.

3.3.1 Histórico do Vime e sua Importância Econômica na Região de Bom Retiro

O vime é um produto de espécie do tipo *Salix*, que se desenvolve em solos úmidos de clima frio ou temperado, mas também se adapta às áreas secas, inclusive zona de alta altitude. Na região de Bom Retiro – SC, desenvolve-se um cruzamento de duas espécies européias (*Salix alba* e *Salix fragilis*), que dá origem a híbrido *Salix rubens Schrank*. (EMBRAPA, 2002).

O vime, planta exótica, vindo da Europa, com os colonizares, para Rio Grande do Sul, foi implantada na Região serrana de Lages, através da migração do sul do Estado de Santa Catarina. Os colonos, de origem italiana, utilizavam as varas de vime, para amarrar parreiras e confeccionar cestos para seu usufruto.

Tabela 2 : Quantidade de vime produzido no município de Bom Retiro

Microbacias	Numero Unidades Produtivas	Area Cultivada (ha)	%	Quantidade produzida (T)	media há. Und. (T)	Rendimento Médio há.(T)	Renda Unidade Produtiva	Renda Media Unidade	Quantidade Vendida Produzida
Médio Rio Barro Branco	1	0,5	0,10%	100,00	10,00	20,00	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00	100,00%
Médio Rio João Paulo	33	88,5	17,58%	8.249,30	25,00	10,00	R\$ 123.739,50	R\$ 3.749,68	97,30%
Nascimento. do Rio Barro Branco	3	2,7	0,54%	98,00	4,00	4,00	R\$ 1.470,00	R\$ 490,00	100,00%
Nascimento. do Rio Bom Retiro	69	261,6	51,98%	22.392,83	33,00	9,00	R\$ 335.892,45	R\$ 4.868,01	80,20%
Nascimento. do Rio João Paulo	25	46,7	9,28%	3.203,00	13,00	7,00	R\$ 48.045,00	R\$ 1.921,80	100,00%
Rio Canoas	20	74,8	14,86%	6.278,40	32,00	9,00	R\$ 94.176,00	R\$ 4.708,80	99,40%
Rio Invernada da Soledade	18	28,5	5,66%	1.925,00	11,00	7,00	R\$ 28.875,00	R\$ 1.604,17	98,90%
Total	169	503,3	100%	42.246,53	25,00				

Fonte: Diagnóstico Rural do Município de Bom Retiro – SC 2000

O vime abrange uma área de 503,3 ha, sendo a terceira maior área cultivada do município, atingindo uma produtividade de 4.224,64 toneladas de produto in-natura, proporcionando ao agricultor um rendimento médio de 8,39 toneladas por há; em 169 unidades produtivas. A divisão espacial geográfica da cultura do vime subdivide-se em 7 microbacias, que compreendem:

- I. Médio Rio Barro Branco com 1 unidade produtiva, ocupando uma área de 0,5 ha., como uma produção de 10 toneladas, sendo a mais produtiva com um rendimento médio de 20 t. por ha, proporcionando ao produtor uma renda de R\$ 1.500,00 por ano com 100% da produção vendida e responde por 0,24% da produção de vime de município;
- II. Médio Rio João Paulo, 33 unidades produtivas, ocupando uma área de 88,5 ha., como uma produção de 824,93 toneladas, com um rendimento médio de 9,32 t. por ha, proporcionando ao produtor uma renda de R\$ 3749.68 por ano, com 97,3% da produção vendida. e responde por 19,53% da produção de vime de município;

- III. Nascente do Rio Barro Branco, 3 unidades produtivas, ocupando uma área de 2,7 ha., como uma produção de 9,8 toneladas, com um rendimento médio de 3,63 t. por ha, proporcionando ao produtor uma renda de R\$ 490,00 por ano com 100% da produção vendida. e responde por 0,23% da produção de vime de município;
- IV. Nascente do Rio Bom Retiro, 69 unidades produtivas, ocupando uma área de 261,6 ha., como uma produção de 2.239,28 toneladas, com um rendimento médio de 8,56 t. por ha, proporcionando ao produtor uma renda de R\$ 4868,00 por ano com 80,2% da produção vendida. e responde por 53,01% da produção de vime de município;
- V. Nascente do Rio João Paulo, 25 unidade produtiva, ocupando uma área de 46,7 ha., com uma produção de 320,30 toneladas, com um rendimento médio de 6,86 t. por ha, proporcionando ao produtor uma renda de R\$ 1921,80 por ano com 100% da produção vendida. e responde por 7,58% da produção de vime de município.
- VI. Rio Canoas, 20 unidades produtivas, ocupando uma área de 74,8 ha, como uma produção 627.84 de toneladas, com um rendimento médio de 8,39 t. por ha, proporcionando ao produtor uma renda de R\$ 4708,80 por ano com 99,4% da produção vendida. e responde por 14,86% da produção de vime de município;
- VII. Rio Invernada da Soledade, 18 unidades produtivas, ocupando uma área de 28,5 ha, como uma produção de 192,5 toneladas, com um rendimento médio de 6,75 t. por ha, proporcionando ao produtor uma renda de R\$ 1921,80 por ano com 100% da produção vendida. e responde por 4,56% da produção de vime de município.

A cultura contribui, para a absorção de mão-de-obra da comunidade, sendo uma importante ocupação no período de entre-safras (junho a agosto), dos plantios anuais de verão, e é uma forma alternativa de geração de emprego com o artesanato. Segundo dados da revista Globo Rural (Silva, 2000), cada hectare, ocupa de forma direta 7,65 pessoas por ano, entre agricultores e artesãos. Dados locais, fornecidos pela Epagri - SC, a cultura do vime aloca nas safras 9.5 % da população economicamente ativa envolvendo trabalhadores formais e informais. É evidente que riscos do segmento da cultura do vime sinalizam a oscilação da oferta, por se tratar de um produto homogêneo que influencia no preço *in-natura*, afetando a coordenação¹⁵ sistêmica da cadeia produtiva. A instabilidade do mercado do vime é afetada pelo comportamento sazonal das safras que enquadram os problemas regionais do mercado a condição da falta de um órgão, que conduza as ações dos agentes econômicos, no ambiente organizacional.

Outro fato citado pelo pesquisador Brandes, está na qualidade das varas de vime (Material Genético) no processo de descascamento e armazenamento do produto (Embrapa, 2000). A falta de informação, a montante e a jusante, na cadeia produtiva, é fator que influencia no preço do produto, em todo o processo produtivo.

Outro agravante é a pluriatividade¹⁶ no município que impossibilita o agricultor bem como o beneficiador de vime, ao contratar mão de obra local. Isto se dá devido aos altos custos transacionais, gerados pelas grandes ofertas de vime decorrentes do baixo

¹⁵Coordenar no sentido de ordem, o processo de transmissão de informações, estímulos e controles ao longo da cadeia produtiva, de forma a responder a mudanças no meio ambiente, viabilizar estratégias competitivas ou aproveitar oportunidades de lucro. (Farina, Elizabeth .SISTEMAS AGROINDÚSTRIAS: CONCEITO E APLICAÇÕES. 26 pg 2000).

¹⁶Pluriatividade: conjunto de outras atividades sendo desenvolvidas no espaço rural e não-rural, rompendo o enfoque tradicional que colocava a agricultura como atividade hegemônica do mundo rural. As famílias passam a combinar as atividades agrícolas com as atividades não-agrícolas, tanto interna como externamente às propriedades. No município de Bom Retiro – SC podemos destacar a agroindústria da maçã, Madeireira e a prestação de serviços em lanchonetes, hotéis.

valor do produto, onde trabalhador rural busca uma remuneração mais atraente nos setores não-agrícolas .

Atividades lucrativas não-agrícolas de exploração tem uma participação ativa nas comunidades do município e estão diretamente relacionadas com as atividades agrícolas, que utilizam os recursos da exploração da terra. Estas atividades podem ser desenvolvidas pelo produtor, cônjuge ou outros membros da família; pode-se também ser utilizada mão de obra assalariada, desde que esta desenvolva também trabalho agrícola. Assim, tem-se como exemplos o artesanato, que é a transformação de produtos agrícolas não alimentares.

O artesanato é um importante meio de sobrevivência dos habitantes da comunidade de Canoas, que confeccionam cestos, baús, cadeiras, e móveis em geral e são afetados pela baixa qualidade do vime descascado, associado com a pouca classificação, gera custos irrecuperáveis ao artesão.

A importância do vime no município de Bom Retiro é muito expressiva, quando comparada com toda a região serrana. Desta forma, esta atividade representa uma nova alternativa de trabalho para o agricultor. Sua importância sócioeconômica situa-se no fato de este produto possibilitar agregação de valor via pluriatividade. Este caminho, de agregação de valor ao vime, é detectado tanto por meio de seu beneficiamento, ou como via de produção de artesanato. Por outro lado, eventos como a supersafra, ocorrida no ano de 2002, baixa qualidade da espécie de vime (*Salix rubens*) produzida nesta região, e a utilização de processos de beneficiamentos inadequados, configuram um quadro de risco para do desenvolvimento de toda a cadeia produtiva neste município.

CAPÍTULO IV

4. ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS DOS AGENTES QUE COMPÕEM A CADEIA PRODUTIVA NO MUNICÍPIO DE BOM RETIRO- SC

4.1 ESTRUTURA FUNDIÁRIA DO VIME - PRODUTOR DE MATÉRIA PRIMA

Segundo dados levantados, na pesquisa de campo, a estrutura fundiária do produtor de vime é caracterizada pelo pré-domínio da pequena propriedade rural familiar. Para uma conceituação geral tem-se que “a exploração familiar, tal como a concebemos, corresponde a uma unidade de produção agrícola, onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família”. (LAMARCHE, 1993, p.15). As três principais funções da exploração familiar estão contidas na produção, consumo e manutenção do patrimônio. Posto isto, verifica-se que estas atribuem uma lógica de produção-reprodução em que cada geração se esforça para assegurar um nível de vida estável para o conjunto da família e a reprodução dos meios de produção.

Nestas propriedades a administração é realizada pelo proprietário, que coordena todas as atividades, procurando maximizar os fatores de produção (terra, capital e trabalho). Este fato fica evidenciado neste tipo de propriedade familiar, onde residem os pais (já aposentados) e os filhos (casados ou não), constituindo, desta forma, uma segunda família. Isto ocorre principalmente porque as propriedades são pequenas, não permitindo o seu fracionamento e pela dificuldade de obter recursos financeiros para a

aquisição de uma nova área, nem tampouco máquinas e equipamentos para iniciar o processo produtivo. Estas unidades de produção agrícola são classificadas como semi-equipadas. Conforme salienta Laurenti (IAPAR 2000, p. 70) estas unidades caracterizam-se por não dispor de um elenco necessário de ferramentas, para o cultivo e uso do solo. Este fato é evidenciado pelos cultivos sazonais, que buscam, via o processo de terceirização do trabalho, suprir esta lacuna, gerando um dispêndio de capital na compra de serviços.

Nesse sentido, as decisões sobre a renda líquida obtida com a venda da produção, fruto do trabalho da família, pouco tem a ver com a categoria lucro "puro" de uma empresa, representando a diferença entre renda bruta e custo total¹⁷.

Apesar de haver o planejamento das atividades, com uma certa organização, o controle financeiro/econômico não é realizado. O produtor, de um modo geral, como todos os produtores de base familiar, tem aversão em realizar o controle financeiro via técnicas de contabilidade, para apurar o resultado no final de cada atividade, ou ano agrícola. Segundo o presente estudo, a falta deste controle é resultado de duas causas: primeiro por ser considerado desnecessário; e segundo pelo desconhecimento de métodos práticos e simples de controle das receitas e despesas, que ocorrem no processo produtivo durante o ciclo do produto.

Outro tema citado nas entrevistas refere-se às diversidades de culturas, como temporárias (feijão, fumo, milho, cebola), permanentes (maçã, uva, pêssigo, vime), reflorestamento (*Pinus ellioti*), pastagens (azevem, aveia) e criação de gado, avicultura e ovinos.

A média da cultura do vime, nestas propriedades, segundo o diagnóstico rural da Epagri, é representada pela área de 1 a 5 ha. Predominantemente 88% das unidades

¹⁷Custo total compreende a remuneração de todos fatores de produção, inclusive juros sobre o capital, renda da terra e rendimentos do empresário.

produtivas têm área que varia de 2 a 5 ha. Estas são as propriedades mais produtivas, tendo uma média de 8,97 ton/ha. A maior área de concentração destas propriedades localizam-se na comunidade do Paraíso da Serra, ocupando destaque com 226,60 ha. Esta área corresponde a 42,29% destas lavouras no município, sendo a maior área cultivada da região. Por outro lado, a comunidade de Laranjeiras apresenta o maior índice de produtividade (20 t/ha), correspondendo uma renda anual R\$ 3.000,00 ha/ano. Já a localidade Barra do Rio João Paulo com 1,73 ton/ha e uma renda de R\$ 260,00 ha/ano é a mais baixa em produtividade.

Tabela 3: Quantidade Total de Vime, produzido no município de Bom Retiro

Area Cultivada	Nº Und. Produtivas	%	Quantidade produzida	media ha. Und.	Redimento Md ha.	Renda und. Produtiva	Qtd. Vendida e Produzida
0 - 1 ha.	77	45,56%	506.137	6573,208	8.359	75.920,55	83,50%
1 - 2 ha.	37	21,89%	600.016	16216,65	8.823	90.002,4	86,00%
2 - 5 ha.	34	20,12%	897.500	26397,06	7.314,6	13.4625	96,20%
5 -10 ha.	15	8,88%	1.081.000	72066,67	8.717,7	16.2150	93,50%
10 -20 ha.	5	2,96%	1.015.000	203000	11.941,2	152.250	80,30%
30 -45 ha.	1	0,59%	125.000	125000	2.902	18.750	100,00%
Total	169	100,00%	4.224.653	2658,31	48.057,5	633.697,95	

Fonte: Diagnostico Rural Município de Bom Retiro – SC 2000

Dos 17 produtores agrícolas entrevistados que produzem vime, 88% residem na zona rural e 12% na zona urbana. Já no que se refere à aquisição da terra dos entrevistados, na condição de produtor, verifica-se que a herança familiar corresponde a 82,35%. Outro dado que o estudo aponta da falta de interesse do agricultor em ampliar a sua área de vime, a qual 70,59% dos entrevistados não tem pretensões de ampliá-la. Este fato é constatado seja por não compensar financeiramente, ou falta de mercado consumidor, ou falta de espaços associados a custo de oportunidade, ou ainda pela diversificação da produção que agrega estabilidade econômica a propriedade. No que concerne aos equipamentos utilizados na manutenção do vime, segundo a pesquisa,

predomina o uso de tratores, roçadeiras, tobatas, roçadeira costal, tesoura, desfolhantes, corretivos e adubos orgânicos.

No que se refere a colheita, os dados da pesquisa apontam que 76,47%, vendem na roça toda sua safra. O financiamento da cultura é fornecido pelo Banco do Brasil via uma linha de crédito ao agricultor. Com a pesquisa nota-se que é unânime a opinião do excesso de burocracia, para obter estes financiamentos.

Quanto à assistência técnica o estudo aponta uma ausência de informação ao agricultor, este é um agravante quando nos remetemos a busca da eficiência produtiva.

Devido a esta condição mais de 70,59% dos entrevistados não dispõem de informações. Quanto a este aspecto, observa-se que o produtor mostra um razoável nível de interesse pela busca constante de novas tecnologias de produção, junto aos órgãos competentes, via a racionalização do uso da mão-de-obra, máquinas e equipamentos, de acordo com as necessidades de cada atividade e o tempo disponível para executá-las.

4.2 PROCESSAMENTO DO VIME – DESCASCADOR

As transformações do meio rural geraram uma nova dinâmica de trabalho nas propriedades. A agricultura tradicional deixa de ser o principal instrumento de sustentação do homem do campo, que acarretou em uma revolução dos processos.

O beneficiamento dos produtos, de origem agrícola passa a fazer parte deste cotidiano rural, que proporciona ao pequeno proprietário uma nova fonte de renda, via o trabalho pluriativo.

Estas transformações foram calcadas na necessidade do meio rural de reproduzir-se, transformando as propriedades em verdadeiras indústrias fornecedoras de

sub-produtos às pequenas empresas, buscando a manutenção constante do homem no campo, com objetivo de agregar valor a seu produto.

O vime no município tem papel fundamental na sustentação de 16 famílias, que vivem praticamente de seu beneficiamento. Um dos entrevistados, o Sr. Sema, argumenta “atualmente o vime é a principal base de sustentação da minha família” que a trinta anos planta e se beneficia do vime.

A pesquisa abordou 4 dos principais beneficiadores, levantando as principais características dos processos de produção, armazenamento, venda e suas principais dificuldades de reprodução no espaço rural. Estas propriedades estão concentradas na comunidade do Paraíso da Serra que é o maior produtor de vime *in-natura* da região.

Estas pequenas empresas, tipicamente familiares, são uma “forma de tornar implícita a propriedade, ou outro envolvimento de dois ou mais membros de uma família na vida e funcionamento dessa empresa” (LONGENECKE *et al* 1997, p. 135).

Desta forma nota-se que cada membro pode executar integralmente ou parcialmente esta atividade. Segundo o autor, existe uma sobreposição entre negócios e família, que são alicerçados na preocupação familiar (educação, saúde e desenvolvimento) e pelo interesse de negócios (lucratividade e sobrevivência do negócio).

As quatro empresas entrevistadas estão localizadas na comunidade do paraíso da Serra. Segundo a pesquisa de campo, as estruturas dos estabelecimentos são propriedades rurais que variam de 0,5 a 30 ha, com galpões para processamento de 160 a 1200 m². A condição de proprietário foi apresentada em 100% dos entrevistados, sendo a aquisição da propriedade via compra. Quanto às pretensões de ampliar seu investimento relacionado na área, verifica-se que 100% dos entrevistados não têm esta intenção. Isto se dá devido à falta de compensação financeira do produto, onde o

excesso de produção é inviabilizado pela falta de mercado consumidor e pela inexistência de financiamento bancário.

De acordo com a pesquisa, os proprietários estão na atividade há aproximadamente 10 a 20 anos, 100% dos entrevistados destacam como principal motivo de ingresso a atividade a uma nova oportunidade de renda.

Quanto a especificação técnica dos equipamentos utilizados no descascamento do vime observa-se: caldeira, descascador, caminhão, trator, tesoura de poda. Com uma produção proporcional a de 70 a 150 t, ratificadas por uma variação de 1 a 3 t por pessoa durante o processo (junho a agosto).

A integração vertical da produção está presente em 75% das propriedades entrevistadas. Estas beneficiam e produzem matéria prima, com o objetivo de garantir um preço competitivo no mercado. Apenas uma das quatro propriedades entrevistadas apresenta economias de escopo, empregando sazonalmente duas atividades beneficiamento do vime e serrando pinus.

As barreiras à entrada no setor são baixas pois os investimentos iniciais são compostos por uma caldeira, descascadores (feito pelo próprio beneficiador), tesoura de poda e galpão para armazenagem, neste caso pode utilizar instalações existentes na propriedade. Quanto aos custos irrecuperáveis (*sunk cost*), estão mais relacionados ao custo de oportunidade de desenvolver outra atividade mais lucrativa, pois proprietários podem vender a caldeira e recuperar parte de seu investimento e retornado as atividades rurais em sua propriedade.

O processo de beneficiamento do vime inicia-se com o cozimento do produto *in-natura*, sob uma margem de aproveitamento do produto de 3 por 1, ou seja, a cada três quilos de vime verde obtém-se um kg de vime descascado, aonde o resíduo é utilizado como fonte energética no processo. Sua despesa média a cada quilo descascado varia de

R\$ 0,40 a R\$ 0,63 apresentando uma margem de lucro que varia de R\$ 0,40 a R\$ 0,17 por kg.

Segundo o estudo, a classificação do vime beneficiado é individualizada, cada descascador utiliza um tamanho e espessura próprios. A mão de obra empregada na produção é tipicamente familiar, sendo contratada na temporada de pico, entre junho e agosto a um custo de médio de R\$ 0,40 por kg.

No que concerne à armazenagem do vime descascado nota-se que este é disposto sobre troncos em galpões cobertos. Contudo, a umidade destes ambientes causa mofo, reduzindo o valor do produto final. Isto tendo em mente que a média para comercialização de toda a produção é de 9 meses.

No que refere-se ao acesso às informações técnicas de manejo constata-se que este é precário e são aleatoriamente fornecidas pela Epagri.

Segundo o relato referente à dificuldade de comercialização vê-se que está aliada ao excesso de produção, intermediador oportunista e desleal e a deficiência de informação do mercado externo.

4.3 ARTESANATO ARTESÃO DE VIME

As novas tendências das atividades na agricultura, apontadas por Dell Grossi e Silva (2002), apontam o artesanato como sendo um excelente complemento de renda no meio rural. Mattei (1998) destaca que as atividades tipicamente urbanas começam a fazer parte do meio rural, causando impactos sobre o trabalho, formando grupos de agricultores pluriativos, que acasala a combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas.

Estas mudanças são destacadas por Dell Grossi e Silva (2002) com o processo de "*mercantilização do tempo livre*" as famílias rurais demandam parte de seu tempo a atividades que não pertencem ao cotidiano rural, ou seja, como o artesanato. As combinações de atividades geram bens auto-consumidos, que são produzidos em excesso para buscar atender às necessidades de nichos de mercado como ressalta Mattei (1998).

Segundo Dell Grossi e Silva (2002), a incorporação destes processos de mudanças passa a responder em grande parte na formação da renda das famílias rurais. A substituição dos critérios tradicionais em "*áreas homogêneas*" conforme salienta Kageyama (1998) forma empresas familiares que inserem na economia local, como complexos sistêmicos, o *filière*, ou seja, uma cadeia que forma uma inserção especializada em um novo mercado de trabalho, nas áreas agrícolas.

Diante destes fatores a profissionalização do artesanato na comunidade de Canoas, atualmente, representa o principal foco de sustentabilidade local. Quanto ao artesanato no município, aproximadamente, 12 famílias extraí seu sustento desta atividade, destacando a comunidade de Canoas com a maior concentração desta atividade. O relato do artesão Pedro Valter Basqueroto, morador da comunidade de Canoas e pioneiro no setor, na década de 60, descreve que "tudo começou com minha viagem a Caxias-RG" onde teve os primeiros contatos com os empresários artesãos .

O estudo relaciona uma amostra de 3 artesãos residentes na comunidade de Canoas, município de Bom Retiro. Área de suas propriedades variam de 2 a 20 ha, sendo estes destinados ao artesanato entre 150 a 1500 m², formam um conglomerado de empresários que tem a condição de proprietários da terra via compra.

A aspiração em ampliação do negócio, segundo a pesquisa, 67% dos entrevistados responderam que sim, e 33% que não, e fundamentam a falta de recursos financeiros como fator fundamental desta impossibilidade.

O ramo de artesanato é antigo na região. Segundo o levantamento faz parte da economia da comunidade há mais de 20 anos, e abalizam a esta ocorrência uma herança familiar, visando uma alternativa de renda. Quanto à qualidade do vime descascado, os artesãos consideram de boa qualidade, e garantem parte do fornecimento para a produção via a verticalização, plantando, colhendo e descascando. A infra-estrutura é diversificada, sendo um puxado ao lado de suas residências ou com galpões com grande escala produtiva. Entre os equipamentos utilizados a pesquisa distinguiu a plaina, circular, serra fita, máquina de rachar vime e fazer fita, balança, tesoura de poda, grampeadora e descascador manual. A utilização de insumos resume-se em vernizes, tintas, anilinas e selador. A inexistência de linhas de crédito para giro como investimento acompanha o ciclo de vida destas indústrias artesanais, sendo acrescida à mesma ocorrência na assistência técnica. A mão de obra é composta por elementos da família, no caso dos pequenos estabelecimentos que suprem esta necessidade, contratando no período de maior demanda (próximo ao natal, ano novo, dia das mães, páscoa). Os grandes artesãos apresentam uma boa estrutura e geralmente matem de 2 a 10 funcionários de forma direta e de 2 a 40 famílias de forma indireta. A falta de mão-de-obra é outro aspecto a ser analisado; a falta de especialização seguida da migração para outros setores econômicos do município provoca grande êxodo para outras atividades. Seu faturamento médio para manutenção do negócio e da família, oscila de acordo com sua escala produtiva (tamanho do Chão de Fabrica) variando entre R\$ 6600,00 a R\$ 68.000,00 por ano.

O setor apresenta inúmeras falhas, como baixa qualidade do produto produzido devido à falta de profissionalização do segmento, ou seja, falta de cursos profissionalizantes aos artesãos da região. Outro agravante diz respeito a falta de capital de giro e de novos *designers* para produção de artesanatos e móveis.

As barreiras à entrada no setor variam com a magnitude do investimento, ou seja, do simples produtor de artesão (cestaria, bandejas, baú) ao produtor de móveis (armários, estantes escritaninhas, camas, mesas, cadeiras, sofás). Esta referência apóia-se nos seguintes custos diferenciais no ingresso do agricultor ao setor:

- I. As necessidades de produção como escala e demanda do produto, projetam o pátio fabril para atender s necessidades do mercado;
- II. Possuir canais de fornecimento de vime descascado de boa qualidade;
- III. Grau de verticalização da parte de produção em artesanato, onera custos como plantações de vime, caldeiras;
- IV. Investimento em cursos profissionalizantes, mão de obra especializada.

O segmento apresenta economias de escopo, permitindo mudanças de atividades na área da produção de artesanato, nos galpões para armazenar produtos de origem rural (milho, fumo, vime descascado), e com os equipamentos otimizá-los para beneficiamento de madeiras, fabricação de móveis e utensílios domésticos. Os custos irre recuperáveis (sunk cost) relacionam-se aos gastos com treinamento (especialização da mão-de-obra) e pela incapacidade do artesão em ingressar em uma nova atividade, mantendo parados seus aparelhamentos de trabalho.

4.4 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS PRINCIPAIS AGENTES DA CADEIA PRODUTIVA DO VIME

Neste momento se recorrerá a uma síntese dos resultados obtidos com a pesquisa, nos diversos segmentos considerados (produtores, beneficiadores e artesãos).

No que se refere ao segmento da produção, verifica-se que este encontra-se assentado em uma base de economia familiar, o que configura um caráter não-empresarial. A ausência de uma visão empresarial, somada a falta de informações que possibilitem um exercício contábil, dificulta as ações de planejamento, tanto da produção quanto da comercialização. Outro fato constatado é a falta de assistência técnica; este vácuo de informações reflete grandes dificuldades nos produtores, sendo uma delas a não visualização de oportunidades de consorciação de culturas com o vime, o que iria acarretar em uma renda extra desta atividade.

Já o setor de processamento caracteriza-se, igualmente, por empresas tipicamente familiares. Os conflitos observados são decorrentes: do armazenamento incorreto das varas, causando perdas inestimáveis; dificuldades de distribuição do produto, que fazem este segmento ficar sujeito a barganha dos intermediários; falta de financiamento, que impossibilita a expansão qualitativa e quantitativa das atividades; falta de uma classificação padronizada, que permita um maior aproveitamento do produto e falta de assistência técnica.

No segmento conformado pelo setor de artesanato nota-se a transformação do agricultor em pluriativo, ou seja, o agricultor começa a exercer atividades não-agrícolas, com intuito de agregar mais valor ao seu produto. Outros fatores que procuram se destacar vêm da necessidade de verticalização da produção para garantir o preço e a qualidade do produto; inexistência de linhas de crédito que possibilitem a ampliação do negócio; a falta de uma classificação que impede um maior aproveitamento das varas

para o artesanato e produção de móveis; a falta de capacitação técnica do artesão que aponta para a inexistência de estudos de *design* e aproveitamento dos subprodutos que, por um lado diminuiria a quantidade de resíduos, e por outro forneceria maior rentabilidade ao negócio.

CAPÍTULO V

5. TRANSAÇÕES ECONÔMICAS DA CADEIA PRODUTIVA DO VIME EM BOM RETIRO SANTA CATARINA

5.1 ANALISE DA TRANSAÇÃO ENTRE COMERCIO DE INSUMOS (T1)

5.1.1 Produtor de Vime

Os Insumos de Produção (Adubos Orgânicos, desfolhantes) são demandados pelo produtor de vime, pelo comercio regional através de casas especializadas no ramo, sem nenhum serviço especial de entrega ou auxilio ao uso correto dos insumos na lavoura de vime. Os corretivos naturais de solo como o esterco de galinha, pela Macedo, ficando o recebimento do insumo a cargo do agricultor. O calcário e fornecido por intermediadores caminhoneiros de outros municípios e estados. Não há assistência técnica para orientar o uso correto destes insumos. Muitas das propriedades compram grandes quantidades de calcário em consórcios, reduzindo o custo quanto ao frete, aumentando seu poder de barganha junto aos fornecedores.

5.1.2 Descascadores

Os descascadores estão diretamente ligados aos fornecedores de material combustível (lenha e resíduo das madeiras), para o cozimento do vime, que é primordial ao processo de descascamento. O mercado se segmenta entre dois fornecedores, aqueles que vendem o resíduo de sua produção, os madeireiros, firmas formais. Os pequenos comerciantes, como agricultores da região, fornecem de lenha da mata nativa, constituem o mercado informal. Caso em especial de figura na família Sema, que atua em dois seguimentos de mercado, utilizado em grande parte da produção o resíduo de sua madeira.

5.1.3 Artesão

O comércio de Lages e Bom Retiro fornece aos artesãos insumos de produção (verniz, tinta, anilina e seladores, pregos). A compra destes insumos deriva da escala de produção, para compensar financeiramente o deslocamento do artesão a outro município. A intensificação do uso destes insumos segundo, a pesquisa dá-se nas seguintes datas Natal, ano novo, dia das mães, páscoa, provocando o deslocamento dos artesãos até o município de Lages. As madeiras utilizadas nas confecções de móveis e artesanato são abastecidas pelas madeiras locais, sem qualquer beneficiamento específico, que atenda às necessidades dos artesãos. Normalmente os artesãos adquirem estes insumos no comércio de Bom Retiro.

5.2 ANÁLISE DA TRANSAÇÃO ENTRE PRODUTOR - (T2)

5.2.1 Produtores de Uva - Vale dos vinhedos Rio Grande do Sul.

Parte da produção de vime *in-natura* da classificação espécie palito de 10% da produção total do município, destina-se aos varetas do vale dos vinhedos no Rio Grande do Sul. O uso da espécie palito é utilizado para a amarração dos parreirais de uva destinados a produção de vinho. O alto valor agregado compensa a classificação palito, que tem uma bitola que varia de 5 a 7 mm, possuindo um valor comercial de R\$ 0,30 por kg na beira da estrada, e não vinculam os altos custos de transporte ao produtor. O ganho médio à cada quilo da espécie palito produzida é de R\$ 0,18 por kg livre da mão de obra. Quanto aos calotes, os riscos são pequenos apresentado uma inadimplência segundo a pesquisa de 6%.

5.2.2 Descascador

A produção de vime do município, nas propriedades entrevistadas, destinada em 88% da produção para os descascadores locais, que tem sua maior área de concentração na comunidade do Paraíso de Serra. A colheita, realizada de forma manual, onera custos ao produtor, que por muitas vezes contrata mão-de-obra, obtendo uma baixa lucratividade. A maioria dos entrevistados negocia o vime na roça, repassando os custos de colheita ao descascador. Os calotes quanto ao pagamento são constantes, acarretando prejuízos irrecuperáveis, pois os agricultores contabilizam esta renda para seu sustento.

A alta oferta do produto é outro agravante, porque reduz o valor do produto *in-natura*, que, por muitas vezes, tem colheita impossibilitada devido ao baixo valor do produto. O poder de barganha do beneficiador, junto aos agricultores, é alto, em

primeiro lugar, pela homogeneidade devido à concentração da colheita em determinada época (junho a agosto), e em segundo lugar, o produtor não tem com quem comercializar sua produção devido a dispersão comercial dos produtores. Estas relações comerciais se caracterizam por atividades informais de negociação, ou seja, não arrecadam impostos municipais.

5.3 ANALISE DA TRANSAÇÃO ENTRE DESCASCADORES -(T3)

5.3.1 Artesãos Locais

O vime descascado no município é absorvido, segundo o estudo, em 12% pelos artesãos locais, sofrendo pressões de viés de baixa no período que compreende entre julho a setembro. A análise descreve uma curiosa ocorrência, que merece destaque quanto frequência de pagamento, que está contida na conduta correta do artesão local. Segundo dados levantados no estudo o artesão é descrito como um ótimo cumpridor de datas e prazos estipulados na negociação. Esta relação de perfeita sinergia sofre rupturas devido a baixa qualidade do vime. O beneficiamento é realizado com técnicas ultrapassadas, influencia na qualidade do produto, tornando o vime quebradiço, inviabilizando sua envergadura para produção de artesanatos que necessitam de uma maior agilidade artística. Isto se dá devido ao processo de descascamento com pneu de trator que causa problemas à qualidade do vime, bem como o armazenamento inadequado favorece o aparecimento de mofos, causando deformações nas varas. Outro fator citado é o desperdício gerado pela falta padrão de classificação dos descascadores; os feixes não são homogêneos, causando grandes prejuízos ao artesão com relação ao tempo, o que impõe uma reclassificação do vime descascado. Segundo o relato destes

artesões, a especificação técnica do produto quanto à classificação, aumentaria a eficiência produtiva de suas microindústrias. Os altos preços do vime, em ciclos produtivos anteriores se deu, segundo relato do Técnico da Epagri de Bom Retiro, Evaldo Roberto Schlemper, devido a “cadeia produtiva de vime no ano de 2002 foi prejudicada pelos beneficiadores de vime, que ao competirem entre si, inflacionaram o preço do vime verde. Devido a esta ocorrência, o preço do vime seco ficou muito alto e inviabilizou o trabalho de vários artesãos, que acabaram saindo da atividade”.

5.3.2 Intermediário Vime Descascado

A relação comercial existente entre os beneficiadores e os agentes que intermediam a venda entre os artesões, e aos grandes conglomerados industriais de móveis de vime fora do município, possuem uma estabilidade física eficiente, pois são privilegiados de informações do mercado externo. O estado de origem destes intermediadores concentra-se em São Paulo, sendo sua atuação no mercado semelhante a um atacadista de vime descascado. Estes agentes possuem peculiaridades como a do beneficiador, utilizando artifícios como a reclassificação do produto, que busca atender às exigências do mercado externo, ou seja, uma espécie de *commodities*. Este ambiente transacional e cercado de incertezas devido a deslealdade quanto ao pagamento ao beneficiador. A coordenação via uma hierarquia de mercado e seguida pela informalidade das transações. Este segmento representa cerca de 68% das vendas de vime beneficiado das propriedades entrevistadas.

5.3.3 Industria de Moveis e Artesanato de Outros Municípios, Cidades Estados

Relacionamento mais ameno é constatado entre beneficiador e artesãos da indústrias fora do município, como o do Rio dos Cedros e Guaruva, onde artesanato em vime é uma tradição de 30 anos. Estas fortes ligações com estes artesãos permitem estabelecer uma demanda de 20% da produção de vime descascados das propriedades analisadas, cercados de ambiente de lealdade de compra e venda do produto. A qualidade do produto em conjunto com a falta de uma específica classificação padrão são os principais entraves de negociação entre estes agentes. Geralmente estas classificações apresentam de 4 a 12 espessuras e tamanhos diferentes.

5.3.4 Intermediários de outros Municípios que fornecem vime descascado a outras regiões

Quanto aos intermediários de outros municípios que fornecem vime descascado a outras regiões como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Bahia, tem-se poucas informações disponíveis, devido a falta de contato entre estes agentes. O que foi possível obter foi um contato via e-mail, com algumas empresas moveleiras paulistas. O total dos e-mails respondido foi 5 em 52 remetidos. Estas relações entre estes agentes são composta de uns produtos diferenciados e de qualidade, via uma classificação que varia de 10 a 18 tamanhos e espessura diferentes. Quanto à forma de pagamento é realizada com cheques pré-datados e variam de 45 a 60 dias. A venda é a pronta entrega, o caminhão é descarregado depois de concretizada a transação. O preço varia de acordo com a classificação oscilando entre R\$ 1,50 ate R\$ 4,50 no kg do produto.

5.3.5 Intermediário de Artesanato e Móveis

Os intermediários que transacionam com os artesãos se concentram em Santa Catarina, São Paulo, Bahia, Mato Grosso do Sul. Praticamente, segundo dados da pesquisa, cerca de 90% das negociações são realizadas com estes agentes. Esta relação conflituosa é cercada, quanto ao pagamento ao fornecedor, por cheques sem fundos, calotes (compromisso de pagamento não é cumprido, como datas e prazos determinados). A baixa qualidade do produto é outro fator que impossibilita a competição com o mercado externo ao município. Os produtos têm um baixo padrão de acabamento, que possibilita uma atuante barganha do intermediador. Muitos dos entrevistados fornecem seu produto cru, ou seja, sem pintura, sem selador, sem verniz, o que provoca mofos aos produtos, reduzindo seu valor agregado. Muitos galpões são abertos possibilitando atuação de agentes naturais como sol e chuva, que com a falta de consumo deteriora o artesanato. Outro agravante constatado na visita é a falta de design, que reduz drasticamente o valor do artesanato. Há casos especiais onde as compras são realizadas sobre encomendas, principalmente no período de março e próximo aos meses de outubro a dezembro.

5.4 ANÁLISE DA TRANSAÇÃO ENTRE – ATACADO E VAREJO (T4)

5.4.1 Comércio local e lojas de artesanato de outras cidades

Os artesãos mantêm uma relação com o comércio local e municipal, que corresponde a 8% de suas vendas. Comercializam com lojas de conveniência e com lojas de artesanato de outras cidades. Este mercado é marcado pela concorrência livre de

preços, e permite ao artesão obter um valor mais justo ao seu produto. Estas vendas são realizadas a vista ou com cheques pré-datados com prazos que variam de 30 a 90 dias.

5.4.2 Intermediários de Outros Estados

Os intermediários são atacadistas de outros estados, e estão localizados junto aos grandes centros de consumo como São Paulo e Rio de Janeiro. As vendas são realizadas sob encomenda, reduzindo os custos fixos de estocagem. As vendas de cestarias se concentram em lojas que vendem de bebidas (vinhos, *champagne* e licores), lojas de produtos importados (cestas de café de manhã), e lojas que fornecem cestas de natal e floriculturas. Outro segmento está concentrado em lojas especializadas, que vendem móveis e comercializam cadeiras de balanço, sofás e estantes. Há uma forte ligação com ambulantes que compram pequenos produtos como cestos, enfeites de vime e outros artigos em geral.

5.5 ANÁLISE DA TRANSAÇÃO ENTRE VAREJO E CONSUMIDOR (T5)

A venda do vime ao consumidor final é verificada por meio de quatro caminhos: comércio de cestas café da manhã, aniversários, natal, ano novo e, páscoa, no mercado de São Paulo; lojas especializadas no setor moveleiro em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; o mercado de ambulantes; e pequeno comércio (postos de gasolina, beira de estrada, e lojas de *souvenirs*).

Estes quatro caminhos na comercialização final também apontam para uma especialização definida pela demanda. O vime é comercializado para cestas de café da manhã, natal aniversários em lojas especializadas que define e um produto específico para este setor, ou seja, o comércio de cestarias. Já o vime descascado segue para São

Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde serve de insumo para a indústria moveleira. Vale ressaltar que este segmento consome cerca de 68% de toda a produção de vime da localidade em estudo. O mercado ambulante e pequeno comércio definem o aproveitamento de produtos de menor porte e valor econômico, como cestos, baús e pequenos artefatos de decoração.

FLUXOGRAMA DAS TRANSAÇÕES ECONÔMICAS

Análise das Transações Econômicas da Cadeia Produtiva do Vime – Município de Bom Retiro-SC

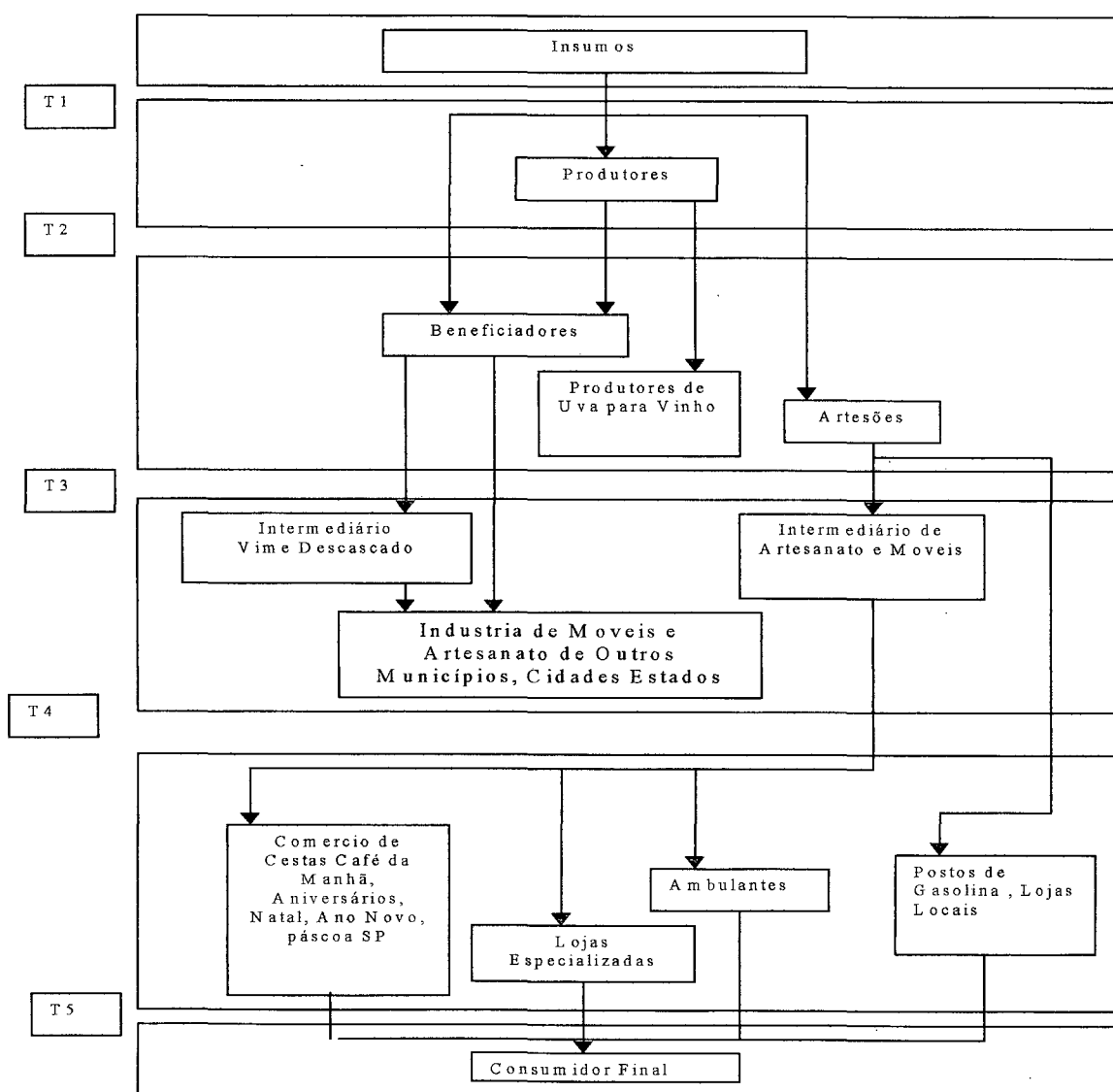


Figura 2 Fluxograma das Transações Econômicas

CAPÍTULO VI

6.1 CONCLUSÕES

As teorias revisadas no presente trabalho, *agribusines* e Filiere, possibilitaram uma compreensão do fenômeno de maneira sistêmica. Desta forma, facilitaram a visualização da cadeia e de suas partes como unidades de produção interdependentes.

Estes conceitos possibilitaram ainda a visualização da grande distância, que existe entre os agentes da cadeia e o consumidor final, acarretando em uma baixa lucratividade para quem a encontra-se na base da cadeia. Pode-se também constatar que a tecnologia deve permear todos os agentes, ou seja, se tivermos agentes com uma baixa base tecnológica operando na cadeia comprometerá o desenvolvimento do todo, uma vez que estes encontram-se, como já mencionado anteriormente, interligados.

Tendo em mente os conceitos que buscamos, para realizar a presente pesquisa, *agribusines* e Filiere, recorreremos a uma breve análise do relacionamento entre estes agentes da cadeia, onde podemos verificar a interdependência entre estes. A forma sistêmica é constatada no momento que detemo-nos o olhar aos três fatores que estão presentes em todos os agentes da cadeia: a base de produção familiar, a inexistência de assistência técnica e a inexistência de linhas de crédito.

Já as principais características no processo de formação e organização da cadeia apontam para uma distância do mercado consumidor, que acarreta num baixa lucratividade para as bases, devido ao seu desconhecimento do mercado final. Outro fato de real valia é a falta de uma visão cooperativa, o que provoca um alto índice de inadimplência entre beneficiador e artesão que em média corresponde mais de 75% dos entrevistados. Um outro fator aponta para o fato dos intermediários deterem muitas

informações ao passo que os beneficiadores e artesãos não as dispõem, isto gera um poder de barganha muito maior, por parte dos intermediários.

Este fato, aponta para um quadro delicado e vicioso, uma vez que; a base de produção familiar, que não dispõe de uma visão empresarial, ao mundo que as cerca, não está capacitada. Se à assistência técnica premiasse nas atividades de forma mais produtiva possibilitaria a reivindicação e o acesso a linhas de crédito, que permitiriam um melhoramento das atividades desempenhadas (seja no campo da capacitação técnica-empresarial, seja na ampliação da base produtiva), onde na pesquisa destacou-se cerca de aproximadamente em média 75% dos entrevistados desprovidos de informações técnicas. Outro fato a destacar é uma baixa base tecnológica em todos os setores, inclusive na comercialização.

O aspecto que procuramos dar destaque foi ausência, por parte dos agentes envolvidos, da visão da cadeia. Isto se dá quando observa-se o segmento de processamento que não realiza uma classificação padronizada. Com isto, ele além de reduzir seus lucros com o processamento diminui a capacidade de aproveitamento das varas, por parte dos artesãos.

O fato da não visualização da cadeia como um todo, impede sua sustentabilidade econômica e mercadológica no momento, que a noção de relações de interdependência entre os envolvidos não são internalizadas em cada setor. Isto impossibilita ações cooperativas e de coordenação sistêmica. A cooperação sistêmica, possibilitaria a emergência da sinergia entre os envolvidos na cadeia, apontando para a possibilidade de saída deste círculo vicioso (falta de assistência técnica, ausência de acesso a informações, falta de crédito, falta de uma base tecnológica comum, alta produtividade, barganha, competição entre os agentes da cadeia) e indo ao encontro do desenvolvimento da cadeia como um todo.

6.2 RECOMENDAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de operacionalizar a estrutura sistêmica do vime propõem-se:

- I. Cooperativa de Crédito Rural no Município.
- II. Conjunto de recomendações tecnológicas para a cultura do vime – Pesquisa implantando novos Híbridos com alta qualidade e produtividade.
- III. Produtores rurais e artesãos assistidos - Extensão e Assistência Técnica
- IV. Produtores e artesãos qualificados para a oferta de matérias-primas e artesanato de qualidade
- V. Produtores e artesãos informados e conscientizados em associativismo.
- VI. Associações e cooperativas de produtores e artesãos organizadas em redes de informações dos mercados.
- VII. Estabelecimento de um plano de marketing para os produtos da vimicultura.
- VIII. Reduzir a distancia do consumidor final com a base da cadeia.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Danilo R. D. & Pinho J. B. (editores) . **Agronegócio Brasileiro: desafios e perspectivas**, vol 2, 1ª ed; ed SOBER; Brasília, 1998. 1102 p.
- ARAÚJO, N.B.; WEDEKIN, I; PINAZZA, L.A. **Complexo agroindustrial: o agribusiness brasileiro**. São Paulo: Agroceres, 1990. 238p.
- BATALHA, M.O. **Sistemas Agroindustriais: definições e correntes metodológicas**; In: Batalha M.O. (coord.); "Gestão Agroindustrial"; vol I; 1a. ed.; Ed. Atlas S.A.; São Paulo; 1997; 573 p.
- BRAUN, B. **Produção e processamento de vime para artesanato na região de Lages**. Florianópolis: EPAGRI/GTZ, 1998.
- Cerri, Claudio. et al. **Agricultura Familiar: Algo mais que deus. Revista Globo Rural**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 32, p. 37-45, Junho. 2000.
- EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA - EPAGRI. **Normas técnicas do cultivo do vime**. Florianópolis: 1998.p.19.
- DEL GROSSI, Eduardo & Silva, José Graziano da. **O Novo Rural: uma abordagem ilustrada. Instituto Agronômico do Paraná**, 2002. V. II (49p.)
- FARINA, Elizabeth M.M.Q. **Competitividade E Coordenação De Sistemas Agroindustriais: um ensaio conceitual. Revista Gestão & Produção, Vol.6, n.3, Dezembro 1999:147-161**
- _____. **Sistemas Agroindustriais: Conceito E Aplicações. Workshop Cadeias Agroalimentares**. Rio de Janeiro, 1998. 29 p.
- LAMARCHE, Hugues coord. **A agricultura familiar: comparação internacional. V. 1. Uma realidade multiforme**. Trad. Angela Tijiwa. Ed. UNICAMP, 1993. 336p.
- LAURENTI, Antonio Carlos. **Terceirização na produção agrícola: a dissociação entre a propriedade e uso dos instrumentos de trabalho na moderna produção agrícola**. Lodrina: Iapar, 2000. 201p
- Longenecker, Justin G. **Administração de Pequenas Empresas**. V.1 Trad: Maria Lucia G. L. da Rosa e Sidney Satancatti. Ed: Makron Books., 1997 134-156
- MACHADO, C. A. P., & Spers, E. E. & Chaddad, F. R. & Neves, M. F. **Agribusiness Europeu**. São Paulo: Pioneira, 1996. 132p.

NOGUEIRA, Antônio Carlos Lima. **Mecanização Na Agricultura Brasileira: Uma Visão Prospectiva**, Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 08, nº 4, outubro/dezembro 2001 11 p.

ISRAEL C.J. **Desenvolvimento Sustentável em Santa Catarina**. UFSC, Dissertação de Mestrado, 1991.

SILVA, Etienne Luiz, **O desenvolvimento Econômico Periférico e a Formação da rede Urbana de Santa Catarina**, UFSC, Dissertação de Mestrado, 1978.

SILVA, Gislene. et al. Vime: Cultivo e arte. **Revista Globo Rural**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 169, p. 25-32, Novembro. 1999.

ZYLBERSZTAJN, d. & neves, m. f. (org.) et al. **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000. 428p.

7 APÊNDICES

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Sócio Econômico
Ciências Econômicas
Graduando: Marcelo Santos Oliveira

Questionário (Modelo 01)
Produtor de Vime

Entrevistado: _____
Localidade: _____

Característica do Produtor:

- 01) Produtor Reside no estabelecimento: Rural: (Sim) (Não)
02) Mora na Área: (Rural) (Urbana)
03) Origem do Produtor: (Município de Bom Retiro) Outro Município: _____
04) Tempo que reside no Município : _____ Anos
05) Use de energia Elétrica
() Própria () Da Rede (CELESC) () Não Utiliza

Aspectos do estabelecimento Agrícola

- 06) Área da propriedade: _____ ha.
07) Área de Vime Total _____ ha. Vime _____ ha. Plantio Racional _____ ha.
08) Condição do Produtor:
() Proprietário () Arrendatário () Parceiro ou Meeiro () Ocupante ou Posseiro
09) Se for proprietário como adquiriu a terra
() Compra () Herança () Herança ou Compra () Outra: _____

Aspectos da Lavoura no estabelecimento Pesquisado

- 10) Culturas Existentes: (Temporária) _____ ha. (Permanente) _____ ha
(Reflorestamento) _____ ha (Pastagem) _____ ha.
11) Existe pretensão em ampliar a área de cultivo de vime: (Sim) (Não)
12) Se não existe tais pretensões, quais os motivos
() Falta de Espaço(terra) () Terra Casada (esgotada) () Não e dona da Terra
() O vime não esta compensando financeiramente () Outro: _____
13) Ha quantos anos cultiva vime: _____ Anos.
14) Por que motivo passou a cultivar vime? (Herança Familiar) (Nova Oportunidade de renda) (Aproveitamento de área) (Características do relevo) (Retenção das margens dos Rios)
Outro _____
15) Principais Áreas Utilizadas
(Próximo Rios) (Banhados) (Terras Cultivais) Outras: _____
16) Equipamentos mais utilizados no cultivo
-
-

17) Insumo utilizados no Vime

18) Existe linhas de financiamento da cultura

(Sim) – Qual: _____ (Não)

19) Produção Media por ha: _____

20) Custo anual da cultura do vime: R\$ _____,

21) Faz classificação: (Sim) (Não)

22) Se sim quantas

(01) R\$ _____, (02) R\$ _____, (03) R\$ _____, Kg (04) R\$ _____,

Assistência Técnica

23) De que forma recebe informações sobre o vime

(Epagre) (Sindicato rural) (Vizinho) (Revistas) (Folhetos) (Jornais)(Televisão)

(Eventos e Feiras) () Outros: _____

24) Você recebe assistência técnica – Quem?: _____ Feita por: _____

25) De que Forma:

26) A assistência técnica e importante: (Sim) (Não)

Mão de Obra

27) Mão de obra ocupada na colheita do vime (valor KG)

() Familiar _____, () Descascador de vime _____ Preço

() Mão de obra contratada _____ Preço () Meeiros _____ Preço

28) Existe falta de mão de obra: () Não () Sim Por que: _____

29) Época da Colheita: _____ Mês

Comercialização do Produto

30) Com que comercializa o vime :

(Descascadores de vime) [a Meia] [vende] (Artesão) (Intermediários)

31) Quantidades: Descascadores _____ Kg Artesão _____ Kg Intermediários _____ Kg

32) Quantidade por região Local _____ Kg (SC) - Cidade _____ (princ)

_____ Kg Outros Estados Quais _____ ; _____ Kg

33) Tempo médio de comercialização: _____ (dias) (meses)

34) Tempo médio de colheita: _____ dias

35) Valor de comercialização (Item pergunta 22)

(01) R\$ _____, (02) R\$ _____, (03) R\$ _____, (04) R\$ _____,

36) Preço médio do vime: Kg:

Na roça R\$ _____, Cortado R\$ _____, Transportado R\$ _____,

37) Renda anual do vime R\$ _____,

38) Quanto ao recebimento do Comprador:

() cheque sem fundo () pagam () Há calotes () Compram datas e prazos.

39) Existe competição acerada: (Sim) Porque _____ (Não)

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Sócio Econômico
Ciências Econômicas
Graduando: Marcelo Santos Oliveira

Questionário (Modelo 02)
Descascador de Vime

Entrevistado: _____
Localidade: _____

Característica do descascador:

- 01) Descascador Reside no estabelecimento: Rural: (Sim) (Não)
02) Mora na Área: (Rural) (Urbana)
03) Origem do Produtor: (Município de Bom Retiro) Outro Município: _____
04) Tempo que reside no Município : _____ Anos
05) Use de energia Elétrica
() Própria () Da Rede (CELESC) () Não Utiliza

Aspectos do estabelecimento Agrícola

- 06) Área da propriedade: _____ ha.
07) Área utilizada no descascamento do vime _____ m².
08) Condição do descascador:
() Proprietário () Arrendatário () Meeiro () Ocupante
09) Se for proprietário como adquiriu a terra
() Compra () Herança () Herança ou Compra () Outra: _____

Aspectos da descascamento do vime no estabelecimento Pesquisado

- 10) Existe pretensão em ampliar a área de descascamento de vime: (Sim) (Não)
11) Se não existe tais pretensões, quais os motivos
() Falta de Espaço(terra) () Falta de recursos financeiros () Não é dona do estabelecimento() não esta compensando financeiramente Outro: _____
12) Há quantos anos descasca o vime: _____ Anos.
13) Quanto a qualidade do produto comprado produto: (Ótima) (Boa) (Media) (Ruim) (Péssima)
14) Por que motivo passou a descascar vime? (Herança Familiar) (Nova Oportunidade de renda) (Aproveitamento de área)
Outro _____

15) Equipamentos mais utilizados no descascamento

16) Insumo utilizados no processo de descascamento Vime

17) Existe linhas de financiamento do descascamento do vime
(Sim) – Qual: _____ (Não)

18) Produção Média por Kg: _____

19) Custo médio do descascamento do vime por kg : R\$ _____,

20) Faz reclassificação: (Sim) (Não)

21) Se sim quantas

(01) _____ cm (02) _____ cm (03) _____ cm (04) _____ cm (05) _____ cm (06) _____ cm

22) Quanto a armazenagem das varas de vimes : (Local seco e apropriado) (ao relento)

(Galpão sem condições favoráveis) (Com novas Técnicas) Outras _____

Assistência Técnica

23) De que forma recebe informações sobre os novos processos de descascamento do vime

(Epagre) (Sindicato rural) (Vizinho) (Revistas) (Folhetos) (Jornais)(Televisão)

(Eventos e Feiras) () Outros: _____

24) Você recebe assistência técnica – Quem?: _____ Feita por: _____

25) De que Forma:

26) A assistência técnica e importante: (Sim) (Não)

Mão de Obra

27) Mão de obra ocupada no processo de descascamento do vime (valor KG)

() Mão de obra contratada _____ Preço () Meeiros _____ Preço

28) Existe falta de mão de obra: () Não() Sim por que: _____

29) Época de maior oferta MOB: _____ Mês

Comercialização do Produto

30) Com quem comercializa o vime descascado: (Artesão) (Intermediários)

31) Quantidades: Artesão _____ Kg Intermediários _____ Kg

32) Quantidade por região (Local) _____ Kg (SC)- Cidade _____
(principal) _____ Kg Outros Estados Quais _____

_____ ; _____ Kg

33) Tempo médio de comercialização: _____ (dias) (meses)

34) Tempo médio de descascamento: _____ dias

35) Valor de comercialização (Item pergunta 21)

(01) R\$ _____, _____ (02) R\$ _____, _____ (03) R\$ _____, _____ (04) R\$ _____, _____

(05) R\$ _____, _____ (06) R\$ _____, _____

36) Quanto ao recebimento do Comprador:

() cheque sem fundo () pagam () Há calotes () Comprem datas e prazos

37) Existe competição acerada: (Sim) Qual _____ (Não)

38) Você tem dificuldades de comercialização do produto: (não) (sim) Qual _____

39) Você está satisfeito com atual processo que se encontra descasamento do vime?

40) Qual seu principal problema enfrentado neste processo?

41) Na sua opinião qual seria a melhor saída para melhora a suas condições de produção e comercialização do vime?

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Sócio Econômico
Ciências Econômicas
Graduando: Marcelo Santos Oliveira

Questionário (Modelo 03)
Artesão de Vime

Entrevistado: _____
Localidade: _____

Característica do Produtor:

- 01) Produtor Reside no estabelecimento: Rural: (Sim) (Não)
02) Mora na Área: (Rural) (Urbana)
03) Origem do Produtor: (Município de Bom Retiro) Outro Município: _____
04) Tempo que reside no Município : _____ Anos
05) Uso de energia Elétrica
() Própria () Da Rede (CELESC) () Não Utiliza

Aspectos do estabelecimento Agrícola

- 06) Área da propriedade: _____ ha.
07) Área de Vime utilizada no artesanato do vime _____ m².
08) Condição do Produtor:
() Proprietário () Arrendatário () Parceiro ou Meeiro () Ocupante ou Posseiro
09) Se for proprietário como adquiriu a terra
() Compra () Herança () Herança ou Compra () Outra: _____

Aspectos do artesanão de vime no estabelecimento Pesquisado

- 10) Existe pretensão em ampliar a área de artesanato de vime: (Sim) (Não)
11) Se não existe tais pretensões, quais os motivos
() Falta de Espaço(terra) () Falta de recursos financeiros () Não é dona do estabelecimento() não esta compensando financeiramente Outro: _____
12) Há quantos anos e artesanão de vime: _____ Anos.
13) Quanto a qualidade do produto comprado produto: (Ótima) (Boa) (Media) (Ruim) (Péssima)
14) Por que motivo passou a fazer artesanato de vime? (Herança Familiar) (Nova Oportunidade de renda) (Aproveitamento de área)
Outro _____

15) Equipamentos mais utilizados no artesanato

16) Insumo utilizados no processo no artesanato de Vime

- 17) Existe linhas de financiamento para artesanato de vime
(Sim) – Qual: _____ (Não)
- 18) Custo Fixo Total para produzir o artesanato de vime: R\$ _____
- 19) Feito reclassificação para o processo de produção do artesanato: (Sim) (Não)
- 20) Quantas espécies de artesanato desenvolve em sua propriedade: _____ und
- 21) Quais são e a qual quantidade? _____

Assistência Técnica

- 22) De que forma recebe informações sobre os novas técnicas no processos de Artesanato do vime
(Epagri) (Sindicato rural) (Vizinho) (Revistas) (Folhetos) (Jornais)(Televisão)
(Eventos e Feiras) () Outros: _____
- 23) Você recebe assistência técnica – Quem?: _____ Feita por: _____
- 24) De que Forma: _____
- 25) A assistência técnica e importante: (Sim) (Não)

Mão de Obra

- 26) Mão de obra ocupada no processo de artesanato do vime (valor)
() Mão de obra contratada _____ Preço () Meeiros _____ Preço
- 27) Existe falta de mão de obra: () Não() Sim por que: _____
- 28) Época de maior oferta MOD: _____ Mês MOI _____ Mês

Comercialização do Produto

- 29) Com quem comercializa o artesanato de vime: (Venda direta) (Intermediários)
Outros: _____
- 30) Quantidades: Venda Direta _____ und Intermediários _____ und Outro _____ und
- 31) Quantidade de vendas por região Local _____ und (SC) - Cidade _____
(principal) _____ und Outros Estados Quais _____
- 32) Tempo médio de comercialização: _____ (dias) (meses) _____ und
- 33) Tempo médio de no processo de artesanal(Item pergunta 21): _____

34) Valor de comercialização (Item pergunta 21)

35) Quanto ao recebimento do Comprador:

cheque sem fundo pagam Há calotes Comprem datas e prazos

36) Existe competição: (Sim) Qual _____ (Não)

37) Você tem dificuldades de comercialização do produto: (não) (sim) Qual _____

38) Você está satisfeito com atual processo que se encontra o artesanato do vime?

39) Qual o principal problema enfrentado neste processo?

40) Na sua opinião qual seria a melhor saída para melhorar a suas condições de produção e comercialização do artesanato de vime?

8 ANEXOS



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Reunião sobre Padronização da Classificação de Vime.

Dia – 18 de Novembro de 2002-11-27

Local- Salão Nobre do Colégio Alexandre de Gusmão- Bom Retiro

O Coordenador do projeto de vime da extensão rural Antonio Edu Arruda, fez a abertura da reunião dando as boas vindas ao grupo e falou rapidamente dos objetivos do encontro. Foi escolhido Dieter Blandes para coordenar os trabalhos.

Maria Bernadete B. Dorroite – produtora de vime, artesã – Rio Rufino comentou que será interessante dialogar com os produtores de vime, conscientizando sobre organização.

Sugestão de classificação:

Grossura – Mais ou menos 30 cm da base

Número de Classes – 11

Vime de 1ª, Vime de 2ª

Obs: Defeito manter junto. Ex. Utilização de parte da vara para alça de cesta.

Qualidade das Varas.

Vime 1ª - Vara lisa sem defeitos.

Vime 2ª - Vara com defeitos.

- Perfilhos
- Manchas

Obs: Newton sugere fazer padronização, por etapas, partindo pela espessura, depois defeitos e comprimento.

Saulo Luiz Poffo – EPAGRI – Bocaina do Sul

Relatou que no município da Bocaina do Sul a classificação é realizada em 4 classes.

Evilázio B. Souza – Artesão – Campinas – Bocaina do Sul

Comentou que para ele não necessita de muitas classes.

OBS: Edu relatou que com o mesmo diâmetro as varas tem vários comprimentos.

Classes – Casquinha

- Cabo
- Canetinha
- Extra

Pedro Donizete de Souza – EPAGRI – Bocaina do Sul

OBS: Demanda de classes pelos intermediários.

Sede administrativa - Rodovia Admar Gonzaga, 1.347, Itacorubi, C.P. 502, Fone (048) 239-5500, Fax (048) 239-5597

Internet: <http://www.epagri.rct-sc.br>, E-mail: epagri@epagri.rct-sc.br

88034-901 Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

CGC Nº 83.052.191/0001-62 - INSCRIÇÃO ESTADUAL Nº 250.403.498



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Poffo – Sugestão de iniciar a padronização com 4 classes

Principais Defeitos:

Nó, Perfilhos.

OBS: Nó cabo para frente.

Evaldo Roberto Schlemper, Charles Aroldo Grudtner – EPAGRI – Bom Retiro.

Foram realizadas reuniões nas comunidades de Paraíso da Serra e Canoas.

Sugestões dos produtores de vime e artesãos de Bom Retiro.

Paraíso da Serra – 4 Classes

- Caneta
- Canetão
- Ratan
- Casquinha

Canoas – 12 Classes

As classes são conhecidas por número

OBS: Existe uma tabela por espessura.

Bernadete – Fez pronunciamento como artesã.

- Varas com defeitos são utilizadas para confeccionar peças descartáveis, menos as varas com manchas fortes.
- Na prática os intermediários compram menos classes e depois fazem nova classificação.

Evilázio – Faz trabalhos com Ratan e 4 classes é o suficiente.

José Dorroite – Produtor de vime e artesão – Rio Rufino.

Comentou que precisa de mãos classes.

Osni Batista de Souza – Produtor de vime – Campinas – Bocaina do Sul.

Fez comentário, dizendo que mais fábricas de imóveis e artesanato em vime é necessário ter mais classes.

Foi comentado também que se os agricultores fizerem a classificação irão vender o vime por um preço melhor.

Luiz César Fernandes – Produtor de Vime – Rio Rufino.

Agricultor classificando o vime em 12 classes irá receber um preço menor.

Poffo – produzir o que o mercado quer?



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Dieter Blandes – EPAGRI – Lages

- Para competir é importante classificar.
- Organizar a classificação, fisco.
- Transporte – Bem classificado vai o dobro.
- Desperdício – Todos estão perdendo.

Rio dos Cedros – Devido a compromissos de trabalho não puderam se fazer presente na reunião, mas telefonaram e mencionaram que, mais importante é a qualidade das varas para os artesãos. Preferência que a padronização seja feita por bitola.

OBS: Unanimidade dos artesãos de Rio dos Cedros.

Foi comentado pelo grupo que os agricultores fazem 2 classes na lavoura. Entre a lavoura e o beneficiamento é classificado em 4 a 5 classes.

Rafael dos Santos Pires – EPAGRI – Urubici

Evaldo Beckhauser – Secretário Municipal da Agricultura de Urubici

Donizete Figueiredo – Produtor e beneficiador de vime

Relataram que no município de Urubici o vime é classificado entre 7 a 10 classes pelo diâmetro.

Dieter – Fez medição em milímetros na classificação de Urubici, utilizando paquímetro.

4mm, 5mm, 7mm, 9mm, 10mm, 11mm, 12mm, 14mm, 17mm, 22mm.

Rio dos Cedros

Primeiro qualidade : - Uréia

- Trator

- Defeitos

Segundo bitola .

Proposta do Grupo

A) Espessura

< 5 mm	Classe 1
5 a 6,9 mm	Classe 2
7 a 8,9 mm	Classe 3
9 a 11mm	Classe 4
12 a 14 mm	Classe 5
15 a 19 mm	Classe 6
> 20 mm	Classe 7

B) Qualidade

Liso, Nó



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Vara sem defeitos e com defeitos.

Defeitos:

- Perfilhos
- Manchas
- Danos Mecânicos * Insetos
- * Enxada
- * Granizo
- * Trator

Defeito * Bifurcação até 2mm

Ponta da vara – até 50 cm abaixo da ponta

Pé da vara – Até 25 cm do pé

OBS: Vale para danos mecânicos.

Dieter - * Relatou que artesão Aristides do Município de Rio dos Cedros, compra vime verde, mesmo beneficia. Em vez de passar o trator sobre as varas. Passa um veículo Brasília com as rodas, apenas sobre os pés das varas de vime.

Espécie – Salix Rubens e Salix Viminalis.

Viminalis – Já tem na região da serra catarinense dias cultivares, chilena e Argentina. Com diferença no broto da flor.

Na Europa existe 6 a 7 cultivares de viminalis.

Processamento.

Manual e tratorizado.

Categorias:

Vime 1ª - Liso

Vime 2ª

Vime 3ª

Vime cru

Vime cozido

Vime com casca

Vime sem casca

Nutrientes – Com uréia.

- Sem uréia.

OBS: Será encaminhado material para todos participantes, analisarem e retificarem se necessários.

Participantes:



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Antonio Edu Arruda – Lages
Charles Aroldo Grudtner – Bom Retiro
Evaldo Roberto Schlemper – Bom Retiro
Alexsandro de Almeida – Radio Portal da Serra – Bom Retiro
Saulo Luiz Poffo – Bocaina do Sul
Pedro Donizete de Souza – Bocaina do Sul
Luiz César Fernandes – Rio Rufino
José Dorroite – Rio Rufino
Maria Bernadete B. Dorroite – Rio Rufino.
Osni Batista de Souza – Bocaina do Sul
Rafael dos Santos Pires – Urubici
Evaldo Beckhauser – Urubici
Donizete Figueredo – Urubici
Evilázio Batista Souza – Bocaina do Sul
Newton Borges da Costa Junior – Rio Rufino.

Sede administrativa - Rodovia Admar Gonzaga, 1.347, Itacorubi, C.P. 502, Fone (048) 239-5500, Fax (048) 239-5597

Internet: <http://www.epagri.rct-sc.br>, E-mail: epagri@epagri.rct-sc.br

88034-901 Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

CGC Nº 83.052.191/0001-62 - INSCRIÇÃO ESTADUAL Nº 250.403.498

GAB-0128



O VIME

IMPORTÂNCIA SÓCIO-ECONÔMICA PARA A REGIÃO

SERRANA

1. Na região serrana concentra-se 90% da produção nacional de vime.
2. 1400 famílias da região trabalham no cultivo de cerca de 1500 ha de vime,
3. O vime é uma das principais culturas geradoras de renda, representando cerca de R\$ 3,15 milhões reais/ano verde
4. Seu valor aumenta dez vezes mais transformado em artesanato, móveis e utensílios.
5. E produzido anualmente sete mil toneladas de varas secas.
6. 2% são transformados pelos pequenos artesãos da região.
7. Mais de 80% das varas sem agregação de valor migram para o Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e para estados do norte e nordeste
8. segundo relato do Dr Dieter de Brandes a transformação do vime em artesanato pode ocupar 10 pessoas em tempo integral, para cada hectare cultivado, sem contar o restante da cadeia produtiva.
9. A falta de organização dos produtores e artesãos dificultando o acesso ao crédito e aos mercados atacadista nacional e internacional.
10. Uma única cultivada variedade restringe determinadas aplicações do vime no artesanato
11. A baixa formação tecnológicas dos agricultores e artesãos não possibilita a competição aso mercados de consumidores mais exigentes.
12. Ocupada a mão-de-obra é local, na entressafra das principais culturas da de verão.

Tabela – Informações Regionais

IO	MUNICÍP	Nº PRODUTORE S	A ARE (ha)	E PRODUTIVIDAD (t)	PRODUÇ ÃO VIME VERDE* (t)
	Bom Retiro	390	550	16,0	8.800
	Bocaina do Sul	396	395	13,5	5.332
	Urubici	325	117	18	2.106
	Urupema	35	35	10	350
	Painel	35	41	10	410
	Lages	20	50	09	450
	Palmeira	09	20	08	160
	Rio	200	250	15	3.750

Escritório Municipal de Bom Retiro- Rua; Frontino Vieira de Souza, 30, Centro, C.P. 49, Fone (049) 2770231, Fax (049) 2770287

Internet: <http://www.epagri.rct-sc.br>, E-mail: evaldo@epagri.rct-sc.br
88860-000 Bom Retiro, Santa Catarina, Brasil

CGC Nº 83.052.191/0001-62 - INSCRIÇÃO ESTADUAL Nº 250.403.498



Rufino				
TOTAL	1.410	1.458	Media/12,43	21.358

A planta

É originária da Europa, própria de clima frio, pois necessita de repouso hibernar. É cultivada a milhares de anos, existindo uma cultura desenvolvida desde os tempos dos faraós até modernos processos de descontaminação ambiental.

PROBLEMAS DETECTADOS

No cultivo

Existe apenas um cultivar que não é o mais apropriado para o trabalho artesanal.

O sistema de cultivo é empírico, existindo poucas informações científicas sobre as exigências nutricionais, o comportamento fisiológico da planta e as formas adequadas de implantação e condução das lavouras.

Os atuais cultivos encontram-se, na sua maioria, em áreas de preservação ambiental.

No beneficiamento

O descascamento com pneu de trator causa problemas de qualidade para o artesanato.

A armazenagem é inadequada, favorecendo o aparecimento de mofo e causando a deformação das varas.

Na comercialização

Não existem normas definindo padrões de classificação.

Existe um excesso de intermediação entre produtor e artesão e entre artesão e consumidor final.

Não se tem conhecimento dos canais de comercialização e faltam pessoas capacitadas para viabilizá-los.

Os produtores e os artesãos estão desorganizados e desarticulados, em sua maioria.

Não existem informações seguras sobre a comercialização.

A legislação tributária inibe a comercialização devido a inadequação da pauta.

No artesanato

Os artesãos não têm capacitação adequada.

Os cursos de capacitação estão disponíveis esporadicamente e não suprem adequadamente as necessidades do artesão.

Não existe capacitação formal – escola - para artesanato em vime



Empresa de Pesquisa
Agropecuária e Extensão
Rural de Santa Catarina S.A.

O artesanato local apresenta acabamento inferior a exigência do mercado.

Há pouca diversificação de apresentação do produto final.

OPORTUNIDADES

O surgimento de políticas públicas mais adequadas para o desenvolvimento local sustentável;

Existência na região, ou em regiões próximas, de estrutura de ensino, pesquisa e extensão capaz de apoiar todas as etapas da cadeia;

Ampliação e estruturação das parcerias para apoio para a cadeia do vime;

Especialização de profissionais ligados à cadeia;

Valorização da produção artesanal;

Valorização dos bens locais;

Valorização dos processos ambientalmente corretos de produção;

Ampliação do esforço e exportação;

Ampliação do interesse da mídia pela cadeia.

DESENVOLVIMENTO DO PÓLO REGIONAL DA SERRA CATARINENSE PARA A CULTURA E O ARTESANATO EM VIME

Neste ano foi institucionalizado o projeto "Desenvolvimento do Pólo Regional da Serra Catarinense para a Cultura e o Artesanato em Vime". O projeto prevê ações em áreas importantes como pesquisa e extensão aplicadas ao cultivo, capacitação para o trabalho artesanal e de gerenciamento dos empreendimentos, assessoramento na organização de grupos e auxílio na organização dos produtores e artesãos para a comercialização (produção em escala para poder conquistar mercados nacionais e externos). Espera-se viabilizar a aproximação de produtores de vime, entre si, e destes com os artesãos e com os consumidores.

Atividades do Projeto

Atividade	Valor (R\$)
Cadastro das instituições regionais ligadas ao vime - Gerenciamento do projeto	42.000,00
Conjunto de recomendações tecnológicas para a cultura do vime - Pesquisa	207.920,00
Produtores rurais e artesãos assistidos - Extensão e Assistência Técnica	263.472,00
Produtores qualificados para a oferta de matérias-primas de qualidade	126.000,00
Técnicos, produtores rurais e artesãos, em cursos de nível médio, graduação, especialização, mestrado e doutorado	134.625,60

Escritório Municipal de Bom Retiro- Rua; Frontino Vieira de Souza, 30, Centro, C.P. 49, Fone (049) 2770231, Fax (049) 2770287

Internet: <http://www.epagri.rct-sc.br>, E-mail: evaldo@epagri.rct-sc.br
88860-000 Bom Retiro, Santa Catarina, Brasil

CGC Nº 83.052.191/0001-62 - INSCRIÇÃO ESTADUAL Nº 250.403.498



Empresa de Pesquisa
Agropecuária e Extensão
Rural de Santa Catarina S.A.

Produtores e artesãos informados e conscientizados - Redes de Informação	74.000,00
Estabelecimento de um plano de marketing para os produtos da viminicultura	100.830,00
	948.847,60

RESULTADOS ESPERADOS

Conjunto de recomendações tecnológicas para a cultura do vime – Pesquisa.

Produtores rurais e artesãos assistidos - Extensão e Assistência Técnica

Produtores e artesãos qualificados para a oferta de matérias-primas e artesanato de qualidade

Produtores e artesãos informados e conscientizados em associativismo.

Associações e cooperativas de produtores e artesãos organizadas em redes de informação.

Estabelecimento de um plano de marketing para os produtos da viminicultura.

Fomentar o consumo de derivados do vime – móveis e utensílios - nos órgãos públicos.

COMISSÃO GESTORA DO POLO DA CADEIA DO VIME

SIGLA	RESPONSÁVEL	Função
EPAGRI	Dieter Brandes	Pesquisa Básica e aplicada
EPAGRI	Antonio Edu Arruda	Assit. Técnica e Extensão Rural
IEL/ADSC	Carlos Eduardo de Liz / Jorge Saldanha	Apoio Técnico / Administrativo
AMPE – Lages	Valéria Lígia dos Santos	Apoio Técnico
COOPERAT	Jorge Luiz Cordova	Representante dos beneficiários - Artesãos
CREDIUNIÃO O	Maria Bernadete B. Darroite	Representante dos beneficiários - Produtores
APROVIME	Emanuel Rogério da Silva	Representante dos beneficiários - Produtores

Escritório Municipal de Bom Retiro- Rua; Frontino Vieira de Souza, 30, Centro, C.P. 49, Fone (049) 2770231, Fax (049) 2770287

Internet: <http://www.epagri.rct-sc.br>, E-mail: evaldo@epagri.rct-sc.br
88860-000 Bom Retiro, Santa Catarina, Brasil

CGC Nº 83.052.191/0001-62 - INSCRIÇÃO ESTADUAL Nº 250.403.498



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

Fluxograma Estrutural do mercado do vime.

- Vime Verde – R\$ 0,12 a 0,15 por kg
- Vime Beneficiado – R\$ 0,70 a 0,90 por kg
- Preço Histórico

Preço Safra Ano 2002

Vime Verde – R\$ 0,06 a 0,10 por kg.

Vime Beneficiado – R\$ 0,40 a 0,70 por Kg

Observação: A cadeia produtiva de vime no ano de 2002 foi prejudicada pelos beneficiadores de vime, que ao competirem entre si, inflacionaram o preço do vime verde. Devido a isto o preço do vime seco ficou muito alto e inviabilizou o trabalho de vários artesãos, que acabaram saindo da atividade.

Observação: Classificação de Vime na Serra catarinense e padronização, esta citada no material da reunião do dia 18 de novembro de 2002.

a) Industria de móveis locais

Informações de preço, mercado paulista contato com seu Pedrinho Walter Basquerotto telefone 49 2790178.

b) Cestaria Local

Informações com Oldair Zanella telefone 49 2361173 – Ramal 23

c) Mercado Paulista, atravessador, Pré de Venda – Classificação.

Contatos:

Rio Rufino

- Copervime, Coopersalix.

Falar com Orestes Basqueroto ou Lauro Costa – Telefone 49 2790174

- Bernadete Artesã

Telefone 49 2784158 – Ramal 28

Rio dos Cedros

-EPAGRI telefone 47 3861050 ou 3861051

-Secretaria Municipal da Agricultura

Secretário Pedro Claudino dos Santos Junior

Telefone 47 3861050 – E-mail rdc@tpa.com.br

Garuva

-EPAGRI falar com Cadorin

Telefone – 47 4453449

-Prefeitura Municipal

Adolar Umlauf

Chefe de Divisão Industria Comercio e Turismo

Telefone – 47 4453116

E-mail – pmgaruva@netkey.com.br



Governo do Estado de Santa Catarina
Secretaria de Estado do
Desenvolvimento Rural e da Agricultura
Empresa de Pesquisa Agropecuária e
Extensão Rural de Santa Catarina S.A.

-Darci Agostino Conter

Artesão – Telefone – 47 4453361

Lages

EPAGRI – Dieter, Tassio – Edu – Telefone - 49 2244400.

- Antonio Gilmar de Liz Rosa

Artesão – Telefone – 49 2261540

- Enio do Vime

Artesão – Telefone – 49 2260767

- Cooperart

Presidente Jorge Luiz Cordova – Telefone – 49 2233911

Caxias do Sul

- Saccaro – Albino Saccaro – Telefone – Res- 54 2831318 Com. 54 2831155

E-mail – saccaro@saccaro.com.br

Biguaçu

- Rei do Ratan – Arnaldo B. Souza – Telefone – 48 99686526

OBS- É muito importante fazer contato com Santa Felicidade – Curitiba – PR

Procurar contato com EMATER do Paraná ou Prefeitura de Curitiba.

Mercado consegue colher e vender sua produção demanda e oferta influencia no preço? Como?

O produtor tem conseguido colher e vender a produção. O Vime é uma cultura igual as demais culturas e o mercado é regido pela oferta e procura. Quando oferecemos muito produto ou a quantidade não é boa com certeza o preço baixa.

OBS: este ano o preço pago pelo vime verde aos produtores, ficou abaixo do preço histórico, por isso alguns agricultores não colheram a produção.

Sugestão: É importante você visitar algumas pessoas da cadeia produtiva do vime, isso além de enriquecer o seu trabalho, irá também nos responder muitas perguntas.

Feliz Natal e um grande abraço. Evaldo